

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**



ELISÂNGELA FERREIRA PEIXOTO DA ROCHA

**TRANSFORMANDO SAUDADE EM ARTE:
EXPRESSÃO ARTÍSTICA E AFETIVIDADE NA SUPERAÇÃO DO LUTO E DE
OUTRAS PERDAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

UBERLÂNDIA - MG

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

ELISÂNGELA FERREIRA PEIXOTO DA ROCHA

**TRANSFORMANDO SAUDADE EM ARTE:
EXPRESSÃO ARTÍSTICA E AFETIVIDADE NA SUPERAÇÃO DO LUTO E DE
OUTRAS PERDAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Artes – Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes.

Linha de pesquisa: I - Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Bittencourt Meira.

UBERLÂNDIA - MG

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R672t
2024 Rocha, Elisângela Ferreira Peixoto da, 1978-
 Transformando saudade em arte [recurso eletrônico] : expressão artística e afetividade na superação do luto e de outras perdas no contexto escolar / Elisângela Ferreira Peixoto da Rocha. - 2024.

Orientadora: Renata Bittencourt Meira.

Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5248>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Artes. I. Meira, Renata Bittencourt, 1963-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III. Título.

CDU: 7

André Carlos Francisco Bibliotecário
Documentalista - CRB-6/3408



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Artes				
Defesa de:	Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES				
Data:	28 de novembro de 2024	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12212MPA005				
Nome do Discente:	Elsângela Ferreira Peixoto da Rocha				
Título do Trabalho:	Transformando saudade em Arte: expressão artística e afetividade na superação do luto e outras perdas no contexto escolar.				
Área de concentração:	Ensino de Artes				
Linha de pesquisa:	Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Diretrizes Somáticas: aprofundamento e desdobramentos				

Reuniu-se por teleconferência online a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes, assim composta: Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos, Profa. Dra. Cristina Garcia Palhares Viso e Profa. Dra. Renata Bittencourt Meira, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Profa. Dra. Renata Bittencourt Meira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Última a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Ata de Defesa - Pós-Graduação 13 (5842492) SEI 23117.074745/2024-89 / pg. 1

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Garcia Palhares Viso**, **Usuário Externo**, em 28/11/2024, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renata Bittencourt Meira**, **Professor(a) de Magistério Superior**, em 28/11/2024, às 19:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosimeire Gonçalves dos Santos**, **Professor(a) de Magistério Superior**, em 28/11/2024, às 19:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5842492** e o código CRC **CEA5002E**.

Referências Processo nº 23117.074745/2024-89

SEI nº 5842492

*“O choro pode durar uma noite, mas a
alegria vem pela manhã.”*

Salmos 30:5b

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, pela plenitude e pelo amor presente em minha vida, fonte de força e inspiração.

À minha orientadora, **Renata Bittencourt Meira**, pela incansável dedicação, pela paciência e pelo apoio ao longo de todo o percurso acadêmico. Sua orientação, sua sabedoria e sua generosidade foram essenciais para a realização deste trabalho.

Ao meu esposo, **Robelúcio Rosas da Rocha**, meu grande incentivador, apoiador incondicional e companheiro em todas as jornadas.

À minha filha, **Ana Vitória Peixoto da Rocha**, por sua compreensão e o incentivo ao longo deste processo de dedicação à pesquisa.

À minha Mãe, **Darcy Ferreira Peixoto** (1949-2018), a maior incentivadora de minha vida, que, mesmo na ausência física, continua sendo uma presença constante e inspiradora.

Ao meu Pai, **Osmar Fernandes Peixoto** (1946-2016), cuja ausência é sentida profundamente, mas cujo amor permanece presente em cada lembrança.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - <i>A Morte e a Vida</i> , óleo sobre tela - Gustav Klimt (1916).....	30
Figura 02 - Capa do livro <i>Menina Nina - Duas Razões para Não Chorar</i> , de Ziraldo (2002).....	32
Figura 03 - O escritor Ziraldo e sua neta Nina Amarante.....	33
Figura 04 - Capa do livro <i>O Cheiro da Morte e Outras Histórias</i> , de Ieda de Oliveira (2010).....	33
Figura 05 - Ilustração do livro de poesias <i>Ano Novo</i> , de Leila Danziger (2016)...	34
Figura 06 - Ilustração do livro <i>Ano Novo</i> , de Leila Danziger (2016).....	35
Figura 07 - Capa do livro <i>tenHo Um amiGO</i> , de Sandra Ronca (2016).....	36
Figura 08 - Ilustração do livro <i>tenHo Um amiGO</i> , de Sandra Ronca (2016).....	36
Figura 09 - Foto da autora do livro <i>tenHo Um amiGO</i> , Sandra Ronca, e seu filho (falecido) Hugo Ronca.....	37
Figura 10 - Gravura de Ana Clara Guinle (2017).....	38
Figura 11 - Processo criativo de Ana Clara Guinle.....	38
Figura 12 - Gravura e foto da artista visual Ana Clara Guinle.....	39
Figura 13 - Reprodução de gravura de Ana Clara Guinle sobre o luto.....	39
Figura 14 - Capa do livro <i>Todo Mundo Vira Borboleta</i> , de Prisca Tranjan (2021).	40

RESUMO

Este trabalho investiga como as aulas de arte na escola podem fazer parte do processo de a ressignificação de experiências delicadas, como o luto e outros conflitos emocionais. Inspirada pela arteterapia, essa abordagem permite que tanto alunos quanto professores explorem suas emoções de maneira criativa e significativa. A pesquisa fundamenta-se na teoria junguiana e utiliza estratégias artísticas como ferramentas para o autoconhecimento e a expressão emocional. A relação afetiva entre professor e aluno é abordada como um elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia empregada consiste na análise qualitativa das produções artísticas de alunos do 9º ano, focando no tema "saudade". Os resultados revelam que as atividades propostas possibilitaram aos alunos externalizar suas emoções e ressignificar suas experiências de perda. Os achados destacam que o uso de recursos artísticos, como o desenho, oferece aos estudantes um canal expressivo para lidar com questões complexas, promovendo um ambiente escolar mais humanizado e acolhedor. Além disso, o trabalho enfatiza a relevância do suporte emocional e da colaboração de equipes multidisciplinares no ambiente educacional.

Palavras-chave: Arteterapia; Luto; Perda; Afetividade; Educação.

ABSTRACT

This work investigates how art classes at school can be part of the process of reframing delicate experiences, such as grief and other emotional conflicts. Inspired by art therapy, this approach allows both students and teachers to explore their emotions in creative and meaningful ways. The research is based on Jungian theory and uses artistic strategies as tools for self-knowledge and emotional expression. The affective relationship between teacher and student is approached as a facilitating element in the teaching-learning process. The methodology used consists of the qualitative analysis of the artistic productions of 9th year students, focusing on the theme "saudade". The results reveal that the proposed activities allowed students to externalize their emotions and give new meaning to their loss experiences. The findings highlight that the use of artistic resources, such as drawing, offers students an expressive channel to deal with complex issues, promoting a more humanized and welcoming school environment. Furthermore, the work emphasizes the relevance of emotional support and the collaboration of multidisciplinary teams in the educational environment.

Keywords: Art therapy; Grief; Loss; Affectivity; Education.

SUMÁRIO

	MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO.....	11
	INTRODUÇÃO.....	15
1	ARTETERAPIA - CONCEITO.....	21
1.1	A ARTERAPIA SEGUNDO CARL GUSTAV JUNG.....	23
2	ARTETERAPIA E AFETIVIDADE NA SUPERAÇÃO DO LUTO E DE OUTRAS PERDAS.....	27
2.1	EXPRESSÃO ARTÍSTICA E RESSIGNIFICAÇÃO DO LUTO: ESTRATÉGIAS E REFLEXÕES.....	29
2.1.1	Ziraldo: criando personagens e metáforas.....	31
2.1.2	Ieda de Oliveira: ressignificando a vida com bom humor.....	33
2.1.3	Leila Danziger: memória material, documentos e objetos como ilustração de poesias.....	34
2.1.4	Sandra Ronca: aquarelas e desenhos digitalizados da pessoa que se foi.....	35
2.1.5	Ana Clara Guinle: personagem em gravuras.....	37
2.1.6	Prisla Tranjan: história ilustrada e metáfora da borboleta.....	40
3	A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES, EM ESPECIAL, ENTRE PROFESSOR E ALUNO.....	44
3.1	FORTALECENDO VÍNCULOS ATRAVÉS DA AFETIVIDADE: UMA BASE PARA O SUCESSO EDUCACIONAL E O BEM-ESTAR EMOCIONAL.....	46
4	O EXPERIMENTO DA SAUDADE: UMA PRÁTICA SOBRE AFETIVIDADE E ARTE INSPIRADA PELA ARTETERAPIA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	49
4.1	RESULTADOS DO EXPERIMENTO.....	50
4.2	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	53
4.3	AFETIVIDADE E RESPONSABILIDADE NO TRABALHO DOCENTE.....	54
4.4	EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E SUPORTE EMOCIONAL.....	54
4.5	ANÁLISE GERAL: RESSIGNIFICAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE.....	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59

APÊNDICE - PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DOS ALUNOS:	
SAUDADE.....	66

MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Meu nome é Elisângela, irmã mais nova de Hécio e Eliane, filha de Osmar (*in memoriam*) e Darcy (ambos *in memoriam*). Nasci em Uberlândia-MG, em 06 de abril de 1978. Meus irmãos são 11 e 7 anos mais velhos do que eu. Em certo momento, eles foram morar com nossos avós na cidade para continuar os estudos, pois nossa casa ficava na zona rural de Uberlândia. Eu ficava muito tempo junto de minha Mãe – na verdade, quase todo o tempo – o que acabou fazendo com que nossos laços fossem estreitados.

Cresci participando diretamente de tudo que era ligado ao dia a dia de minha Mãe: ficava sentada vendo-a brincar com suas agulhas de tricô e crochê, como se as fizesse bailar com linhas ou lãs entrelaçadas, e me encantava ao ver sapatinhos, casacos e toucas de bebê, ou panos de pratos e toalhas com “bicos” lembrando rendas, mas tudo feito à mão, sendo tecidos por ela. Ela também participava de espécies de reuniões semanais chamadas “Clube de Mães”, às quais iam as mães, mas também as filhas, como eu. Havia o momento de aprender algo de artesanato como crochê, bordado, corte e costura e pintura. Trabalhavam por um determinado tempo, depois liam um trecho da Bíblia, meditavam na Palavra e tomavam um café da tarde – cada uma levava um “pratinho” (bolos, biscoitos, broas) e café, chá e sucos. Lembro-me de que eu já estava aprendendo a fazer os bordados, de vários pontos, com linhas coloridas, de espessuras diferentes, mas meu sonho era aprender a pintar, pois gostava muito de desenhar e colorir. Porém, a pintura era autorizada apenas para adolescentes e adultas e eu era ainda uma criança. Entretanto, certo dia, comecei a pintar no lugar da professora, que saíra do grupo, e passei a dar aulas lá. Ensinava a pintar e fazia correções nas pinturas que ficavam manchadas.

Minha Mãe também gostava de fazer colchas em *patchwork* – e quem estava sempre ao lado, querendo ajudá-la na escolha dos tecidos e no recorte deles? Sim! Eu mesma. Gostava muito de morar no sítio com meus pais, pois brincava com gravetos, fazia bonecas com espigas de milho ou com tecidos coloridos que sobravam das costuras de Mamãe. Improvisava tintas com terra, açafreão e colorau e gostava de pintar com elas. Mamãe também era exímia cozinheira. Fazia queijos, doces, bolos, tortas e tantas delícias que a gente, além de degustar, admirava como Arte.

Ela sempre estava presente em tudo, apoiava os sonhos. Um deles foi quando decidi fazer o Magistério e depois, quando optei por prestar o vestibular para, naquela época, ingressar no curso de Educação Artística na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Muitos acharam loucura, lançaram desânimo, palavras contrárias. Mas com o apoio da Mamãe, enfrentei tudo e fui atrás de minhas aspirações. Lembro-me de uma aula na UFU, na qual tínhamos que montar uma espécie de cenário composto com vários objetos, onde predominava uma determinada cor. Realizei o trabalho usando o verde e Mamãe me ajudou emprestando uma toalha xadrez de verde e branco, com bordados; fez doces de mamão, figo, casca de laranja; licor de figo e outras comidas com tonalidades verdes. Mais uma vez, ela estava lá comigo, apoiando minhas escolhas. Infelizmente não consegui registrar esse momento. Mamãe e Papai também estiveram presentes à defesa do TCC na Graduação de Educação Artística, acompanhando e dando força.

Quando conheci aquele que hoje é meu esposo, morávamos em estados diferentes e, mesmo aconselhando cautela, ela me apoiou. Até numa viagem para conhecermos a família dele, ela aceitou ir comigo. Em 2005, eu me casei. Em janeiro de 2014, minha filha tão querida e desejada nasceu. Mais uma vez, minha Mãe esteve presente. Ficou mais de dois meses comigo e a nenê, cuidando e dividindo seu amor conosco. Nesse período eu já era concursada em Rio das Ostras-RJ, como professora de Artes. Depois desse nascimento, sempre viajávamos para Uberlândia durante os períodos de férias escolares. Era incrível a relação de minha filha com meus pais, irmãos, sobrinhos; enfim, mesmo morando distante fisicamente, ela não estranhava ninguém, nunca chorou ao estar com eles.

Em janeiro de 2016, tive uma grande perda, inesperada, pois chegamos à casa de meus pais no dia 5, com todos bem. E no dia 15, meu pai veio a falecer. Fiquei extremamente triste, mas não me permiti mergulhar nessa consternação, por ver minha Mãe tão abalada e por ter minha família para cuidar e amar. Nesse período, tentei convencer Mamãe a passar uma temporada com minha família, na época morando em Cabo Frio-RJ. Ela disse que tinha aspectos burocráticos para resolver e depois iria fazer um *check-up*, pois nos últimos tempos estivera cuidando apenas de meu pai, e que, após fazer tudo isso, permitiria que lhe comprasse a passagem para passar uns dias conosco. Começou então com uma consulta, um *check-up*, mais alguns pedidos de novos exames e o diagnóstico que ninguém esperava, o qual veio como uma avalanche, uma bomba: uma mulher não fumante, que prezava pela boa

alimentação, pela saúde, estava diagnosticada com câncer de pulmão. Um nódulo que deveria ser retirado por via cirúrgica. No momento da cirurgia, descobre-se que a pleura, membrana que reveste a parede interna do tórax e envolve os pulmões, protegendo-os do atrito contra a parede torácica, já estava tomada pelas células cancerígenas. Isso inviabilizava a retirada do nódulo, como planejado. Ela não ficou sabendo disso... Iniciou um tratamento quimioterápico, doloroso, sofrido, alterado em algumas vezes na tentativa de que o câncer não se espalhasse e os nódulos não aumentassem de tamanho.

Nessa época, pedi licença-prêmio para estar mais próxima dela no momento que estava ficando mais debilitada. Minha filha e eu e chegamos de viagem no dia 23 de dezembro de 2018. Uma viagem tensa, eu tinha receio de não a encontrar mais com vida. Não tinha certeza de que as informações a respeito de sua saúde eram reais, já que eu estava a caminho e uma notícia ruim poderia alterar meu controle glicêmico. No Aeroporto de Uberlândia, ao invés da imensa alegria de todas as outras vezes que chegávamos, meu coração doía, meus olhos lacrimejavam e, quando abracei meu irmão, desabei em choro, pois ao ver meus parentes chorando, achei que Mamãe não estivesse mais com vida. Meu padrinho então me perguntou se eu queria ir direto para o Hospital de Clínicas da UFU a fim de visitar minha Mãe. Ali eu tive certeza de que ela estava viva. Deixei minha filha com meu irmão, cunhada e sobrinha e fui ver Mamãe. Ao chegar lá, senti uma dor na alma ao vê-la tão debilitada. Mas tentei agir com calma, conversei com ela, fiz carinhos, segurei sua mão. Falei que minha filha tinha mandado um beijo e estava com saudade. Passei alguns momentos com minha Mãe. Voltei no outro dia para ser sua acompanhante. Queria ficar com ela, perto dela. Era véspera de Natal. O mais doloroso de toda a minha vida. Mas não quis fazer troca de turno, fiquei de cedo até a noite e fui embora com muita resistência. No dia 26 do mesmo mês, ela faleceu.

Era um de meus maiores medos e eu estava ali, diante da concretização da morte. E o que eu faria diante dessa situação? Tinha Deus comigo, minha família, esposo e filha... Meu trabalho... Meus cachorros e calopsitas. Mas eu precisava fazer algo específico, algo que me ajudasse a superar aquela dor. Comecei os estudos sobre Arteterapia segundo Carl Gustav Jung e experiências de Nise da Silveira utilizando técnicas artísticas. Fui descobrindo escritores de livros, artistas plásticos que desenvolveram trabalhos, escreveram novos livros e, ao me aprofundar nisso, nasceu em mim outro desejo: pesquisar se a Arteterapia e as técnicas artísticas

poderiam ajudar na superação do luto, de outras perdas e de dificuldades que pudessem surgir. Resignificar a dor do luto pela força, pelos exemplos recebidos em minha vida, utilizando a Arte e suas técnicas. Eu estava fazendo uma pós-graduação *online* de Arteterapia e tinha que fazer o trabalho final. Aproveitei que minha licença-prêmio de dois meses para acompanhar Mamãe havia sido deferida e, vivendo a dor do luto, comecei produzir meu trabalho sobre esse tema.

Ao retornar a Uberlândia com minha família, desta vez para morar, veio a oportunidade de fazer o Mestrado Profissional em Artes, na Universidade Federal de Uberlândia. Decidi voltar ao tema e intensificar a pesquisa, buscando mais autores e artistas que produziram trabalhos concretos nesse campo e como eu poderia aplicar alguma atividade com meus alunos, que tratasse de vivências, experiências, memórias e que, de algum modo, tornasse possível a eles expressarem ideias, criatividade e emoções que não conseguiam externar com palavras.

Com a aprovação, veio o aprofundamento da pesquisa e a oportunidade de relacionar-me ainda mais com os alunos da Educação Básica. Haveria possibilidade de compreender melhor se as técnicas artísticas poderiam ajudá-los não somente em relação a perda de pessoas e animais de estimação, mudança de residência ou escola, situações de *bullying*, mas também no conhecimento maior de si, na solução de conflitos.

Não acredito que eu deva estar em sala apenas como transmissora de conhecimentos, teoria ou técnicas. Estou lá também para aprender, contribuir, crescer, amadurecer, ouvir, ajudar. Estabelecer uma relação de afetividade nesse processo de ensino-aprendizagem é uma busca constante.

Como arte-educadora atuante na rede municipal de ensino de Uberlândia, abrangendo turmas desde a educação infantil até o ensino fundamental II, desenvolvi uma sensibilidade aprimorada pela minha formação em Arteterapia. É fundamental ressaltar que a prática da Arteterapia deve ser realizada por profissionais devidamente qualificados e capacitados nessa área. Embora minha atuação em sala de aula não se configure como a de uma arteterapeuta, incorporo essa perspectiva em minha abordagem pedagógica, visando promover o desenvolvimento integral dos alunos por meio da expressão artística. Nesse contexto, as atividades propostas, como o Experimento da Saudade, são implementadas com a devida cautela, sem, contudo, substituir a necessidade de acompanhamento por um profissional especializado em Arteterapia ou Psicologia, quando se fizer necessário.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da necessidade de discutir aspectos ligados à Arteterapia como inspiração para as ações docentes no contexto escolar. Sobre como as atividades de artes visuais, com suas técnicas e materiais, acompanhados pela relação de afetividade positiva presente entre professor e aluno, podem contribuir para a superação do luto pela perda de entes queridos e outras perdas. Neste trabalho foram indicadas situações como a perda de um animal de estimação ou a mudança para um local distante de quem se gosta, a separação dos pais, a suplantação da prática do *bullying*, dentre outras que deixam a pessoa triste e desmotivada. Alunos que vivenciam conflitos emocionais, se não tiverem apoio para superar tais desordens, podem ter seu processo de aprendizagem prejudicado.

Diante dessa realidade, a pergunta norteadora deste estudo se impõe: **“De que maneira práticas artísticas, inspiradas na perspectiva da Arteterapia e apoiadas pela relação de afetividade positiva entre professor e aluno, podem auxiliar na superação do luto e em outros desafios emocionais no contexto escolar?”**.

No início do trabalho, havia uma incerteza sobre o público a ser envolvido nesta pesquisa, pois a grade horária ainda estava sendo ajustada nas escolas. Mais tarde, decidi que os alunos de 9º ano seriam o foco, pois demonstravam maior maturidade. Ao conhecer essas turmas, sabia que meu objetivo deveria ir além de ser uma mera transmissora de conhecimentos teóricos. Inspirada pelo desejo de estabelecer uma relação significativa com os alunos, queria criar um vínculo que transcendesse o simples repasse de informações sobre História da Arte.

Minha intenção não era adotar uma postura distanciada, como se minha única função fosse "depositar" conhecimento nos alunos, como mencionado por Freire (1992, p. 69) em sua concepção de educação bancária, na qual o professor apenas transfere conteúdos prontos. Em vez disso, adotei uma abordagem mais dialógica, que envolvia não apenas ensinar, mas também aprender com os alunos. Freire (2019) critica a abordagem em que o professor simplesmente deposita informações nos alunos, sem permitir que haja diálogo ou construção conjunta de conhecimento, promovendo assim a passividade dos educandos. "A educação bancária, que visa à dominação, nega a dialogicidade como essência da educação. O saber é uma doação dos que se julgam sábios àqueles a quem julgam nada saber" (Freire, 2019, p. 79).

Eu me preocupava em perguntar como estavam, conversar sobre diferentes assuntos e ouvir atentamente seus relatos. Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem tornava-se uma via de mão dupla, no qual eu os incentivava a expressarem seus sentimentos e vivências por meio das produções artísticas. Sobre isso, Freire (2019) afirma: "A educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. O educador já não é apenas quem educa, mas quem, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando" (Freire, 2019, p. 81). Nessa citação, o autor descreve a pedagogia dialógica como um processo de aprendizado mútuo entre educador e educando: ambos se educam a partir de suas experiências, por meio do diálogo. E foi nesse ambiente de troca e construção conjunta que iniciamos as atividades.

Ao longo do processo, ouvi de alguns alunos que eles estavam se sentindo bem nas aulas de Arte, por se perceberem "aceitos", participantes das decisões, por encontrarem uma professora que demonstrava interesse em saber sobre a turma. Disseram que para eles era ruim encontrar professores sérios demais, que não sorriam para a classe. O afeto entre turma e professora já apresentava resultados positivos. E mesmo numa rede na qual Arte não tem vínculo com avaliações quantitativas, percebi um grupo envolvido espontaneamente na produção dos trabalhos. Caso alguém fizesse algo que não estivesse de acordo com as regras estabelecidas, os próprios alunos conversam entre si para que respeitassem, a fim de serem respeitados. Já me procuraram fora do horário de aula para desculpar-se por algum comportamento inadequado. Se, para eles, encontrar uma professora que sorri, brinca, conversa, ouve, é uma experiência positiva e gratificante, igualmente acontece comigo na posição de docente. Antes, sentia uma certa angústia, especialmente nas noites que antecederiam as aulas, diante da flexibilidade do currículo e por sentir-me sem direção. O vínculo criado através da relação de afeto entre os alunos e eu, enquanto professora, facilita nossa relação como indivíduos e também na aprendizagem dos conteúdos.

A pedagoga e arte-educadora Madalena Freire afirma: "A afetividade é fundamental na relação entre educador e educando, pois, é por meio dela que se estabelece um vínculo de confiança e respeito" (Freire, 2006, p. 87).

Durante o processo de escrita desta dissertação, diversos alunos compartilharam suas experiências de perda: saudade de avós (mais citados nos trabalhos) e outros entes queridos falecidos, de animais de estimação, e dificuldades

emocionais. Uma aluna, por exemplo, falou sobre sua angústia relacionada ao abandono pelos pais e a escuta de comentários dolorosos de sua avó. No entanto, ao perguntar sobre seus sonhos, ela revelou o desejo de ser professora e estilista, pois ama desenhar vestidos. Após ouvi-la atentamente, pedi que desenhasse seus sonhos, e, ao ver seu sorriso surgir entre lágrimas, percebi a força que a afetividade tem em nossos laços.

Freire (2010, p. 112) declara que “A amorosidade deve ser a base das relações na escola, pois é por meio dela que se constrói um ambiente de aprendizado significativo”.

Para este trabalho, foi realizada uma busca meticulosa de referências em obras artísticas e literárias que abordam o luto e a perda, com o objetivo de compreender como as estratégias artísticas podem auxiliar na superação de conflitos emocionais. Dentre títulos do referido material, apresentei diretamente a obra *Menina Nina - Duas Razões para Não Chorar*, de Ziraldo¹ (2002), aos alunos, oferecendo-lhes uma referência visual e emocional para refletirem sobre o tema. As demais obras artísticas e literárias dos autores e artistas investigados, embora não introduzidas em sala, serviram como base para a análise das produções dos estudantes, permitindo um entendimento mais profundo das expressões de luto e saudade retratadas.

A pesquisa foi conduzida por meio de consultas a livros especializados em Arteterapia e Educação, além de teses, dissertações e artigos acadêmicos disponíveis em bases de dados como Google Acadêmico, Scielo e outras bibliotecas digitais. Foram utilizados termos-chave como 'luto', 'arteterapia', 'expressão artística', 'superação de perdas' e 'emoções' para localizar obras e estudos relevantes. Desta busca, foram selecionados sete artistas cujas obras são discutidas no item 2.1, no qual expomos como suas criações expressam e ressignificam suas vivências de luto e perda. O ponto de partida foi a compreensão de que, por meio do autoconhecimento e da capacidade de expressar emoções, é possível transformar experiências difíceis. Os exemplos selecionados tratam particularmente de perdas, com enfoque em pessoas enlutadas que, ao produzir obras literárias ou artísticas, conseguiram não

¹ Ziraldo Alves Pinto (1932-2024) "[...] foi um cartunista, desenhista, jornalista, cronista, chargista, pintor e dramaturgo brasileiro. Criou o personagem de quadrinhos infantil *O Menino Maluquinho*. Foi um dos fundadores da revista humorística *O Pasquim*". Fonte: ZIRALDO. **EBiografia**. 2020. [Online]. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/ziraldo/>. Acesso em: 20 mar. 2022. Nesta dissertação, ao nos referirmos a esse autor, usaremos seu primeiro nome, por ser a forma como é mais conhecido. Nas Referências traremos "ALVES PINTO, Ziraldo".

apenas superar suas dificuldades, mas também contribuir para o bem-estar de outras pessoas por meio de suas criações e vivências. As obras selecionadas serviram como base para análise dos trabalhos dos discentes.

Direcionando esse olhar para o ambiente escolar, percebemos que surgem frequentemente situações variadas durante as interações: desabafos de crianças, adolescentes ou até mesmo adultos; um desenho que revela algo mais profundo a ser investigado; ou outras manifestações que, por meio das relações afetivas e do convívio diário, podem ser oportunidades de superação e fortalecimento emocional.

Nesse sentido, a Arteterapia utiliza a Arte como recurso terapêutico, permitindo que indivíduos enlutados ou que enfrentam outras dificuldades emocionais, por exemplo, tristeza ou frustração, expressem-se livremente. Através de técnicas artísticas, como desenho ou pintura, muitos conseguem externalizar emoções que não têm condições de verbalizar. Segundo Edwards (1984, p. 81), “[...] o desenho pode ser um meio eficaz de resolver problemas, tanto para crianças quanto para adultos. Você pode ver como se sente através de um desenho”.

Assim, a Arteterapia pode ser muito eficaz, colaborando na superação de perdas variadas ou outros conflitos emocionais, pois, conforme Fabietti (2004), ela é:

[...] uma profissão assistencial ao ser humano. Ela oferece oportunidade de exploração de problemas e de potencialidades pessoais, por meio das expressões verbal e não verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem por meio de experiências terapêuticas com linguagens artísticas variadas (Fabietti, 2004, p. 18).

E isso se faz necessário, uma vez que, de acordo com Bianco (2015), em relação à perda de entes queridos,

[...] dentro das famílias cada um irá reagir de maneira individual à perda sofrida e pode acontecer de um familiar achar que o outro está indo muito rápido ou muito devagar com seu luto. Haverá aqueles que precisarão falar, contar histórias, assistir vídeos antigos, ver e rever fotos, passar dias em prantos. Mas, haverá também, aqueles que irão querer ficar calados, silenciosos em sua dor. Nenhuma reação é melhor que a outra (Bianco, 2015, *online*).

Dentre os estudantes que participaram desta pesquisa, há os que perderem um animal de estimação, outros que se mudaram para um local distante, que saíram de um ambiente ao qual há muito estavam acostumados, entre outras situações que serão apresentadas no Capítulo IV. No contexto escolar, a prática de técnicas artísticas, aliada à afetividade na relação professor-aluno, pode ajudar o indivíduo a

superar as situações conflitantes, colaborando também para o processo de ensino-aprendizagem.

É necessário buscar ajuda ou recursos que auxiliem na superação desse momento de dor, perda, dificuldade, conflito. A Arteterapia pode contribuir positivamente nesse processo, dado que, como diz Dutra (2013, p. 24),

[...] a arte, pelas suas possibilidades expressivas, contribui para trazer ao consciente, não só as dores a serem curadas, mas também as possibilidades adormecidas. Dessa forma, a Arteterapia apresenta-se como um processo terapêutico dos mais próximos à essência do ser humano, capaz de promover equilíbrio e harmonia, gerando saúde em todos os setores da sua vida.

Assim, quem busca a Arteterapia como recurso para suplantar a perda de alguém importante ou mesmo quem está vivendo algum conflito emocional, como problemas familiares, separação dos pais, mudança para local distante de um ente querido, *bullying*, não necessita ter habilidade artística, nem experiência. Não haverá julgamento estético do trabalho produzido. O essencial é que o indivíduo consiga alterações promissoras diante do quadro de luto, angústia ou tristeza, resolvendo questões emocionais, expressando-se livremente.

O propósito deste projeto foi investigar como as estratégias artísticas podem auxiliar indivíduos a superarem conflitos emocionais por meio do autoconhecimento e da capacidade de expressar suas emoções. Para isso, além da pesquisa sobre obras de arte e literatura que abordam o tema da perda, foi realizada uma atividade exploratória com quatro turmas do 9º ano, envolvendo a participação de aproximadamente 140 estudantes. A aplicação dessa atividade, seus resultados e reflexões serão apresentados no Capítulo IV.

Durante esse processo, diante de questionamentos sobre a possibilidade de a abordagem do tema luto ou tristeza na sala de aula desencadear resultados negativos, observamos que a vida não é composta apenas de alegrias e sucessos, realizações e vitórias. Existem as perdas, as dores, os conflitos, os medos, e os professores podem se deparar com esses casos dentro de sala ou no ambiente escolar. Entendemos que não trabalhamos sozinhos. Somos uma rede composta por profissionais de diversas áreas, capacitados para executar suas respectivas funções. Assim, se chegar diante de nós alguma situação que não possa ser resolvida, encaminharemos para profissionais específicos como psicopedagogos, psicólogos e assistentes sociais que trabalham na rede escolar. Decidimos, portanto, não nos esquivar de uma situação por receio de não sermos capazes de resolvê-la.

Com a finalidade de compartilhar e aprofundar experiências sobre o tema, propiciando material que possa auxiliar na lida com as referidas perdas, apresentamos este trabalho, dividido em quatro capítulos. O primeiro, *Arteterapia - Conceito*, embasa o estudo ao trazer o conceito e a abordagem junguiana da Arteterapia. No segundo capítulo, *Arteterapia e afetividade na superação do luto e de outras perdas*, apresentamos como as estratégias artísticas e o uso de materiais diversos aliados à afetividade podem desempenhar um papel importante na superação do luto e de outras experiências de perdas, contribuindo para que os indivíduos possam expressar-se, processando suas emoções e encontrando novos significados após passar por adversidades. Em seguida, falamos sobre *A afetividade nas relações, em especial, entre professor e aluno*, a qual, através de um olhar mais sensível, de uma convivência de afeto, pode contribuir na superação de contratempos e angústias. No Capítulo IV, *O Experimento da Saudade: uma prática sobre afetividade e Arteterapia no contexto escolar*, são apresentados o experimento conduzido com os estudantes, os objetivos propostos para a atividade e a análise das produções artísticas realizadas pelos participantes. Nas Considerações Finais, trazemos apreciações sobre o que está sendo construído, concluindo que este é um processo em aberto, pois o ser humano é sempre projeto, único e, em seus momentos de perdas, a Arte, inspirada pela Arteterapia, pode ser um dos caminhos de auxílio.

CAPÍTULO I

ARTETERAPIA - CONCEITO

Este capítulo explora o conceito de Arteterapia, uma prática que utiliza a Arte como meio de expressão e comunicação para apoiar a superação de questões emocionais e psicológicas.

A Arteterapia integra Psicologia e Educação Artística e utiliza a Arte para ajudar as pessoas a lidarem com questões emocionais, promovendo o autoconhecimento e o alívio do estresse. Além disso, pode ajudar no desenvolvimento da autoestima, na resolução de conflitos e na promoção da criatividade.

A principal referência para a abordagem sobre Arteterapia desta pesquisa é o psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), que, segundo Maciel e Carneiro (2012 *apud* Moreno *et al.*, s.d.), viveu uma experiência pessoal que consistiu em expressar artisticamente conteúdos emocionais.

A experiência com a arteterapia se deu de forma bastante íntima para Carl Gustav Jung. Após o rompimento com Freud, Jung viveu um longo período de dúvidas existenciais que o levou à descoberta do poder transformador da criação expressiva. Ele viveu uma experiência de ser invadido por imagens e vozes que emergiam de forma espontânea de sua psique e buscou, por meio da escultura, escrita, desenho e pintura, compreender seus significados, experimentando assim seu próprio método (Moreno *et al.*, s.d., p. 4-5).

Entendemos que a experiência que levou Jung a vivenciar seu próprio método pode ser compreendida como resultado de uma inquietação, como afirma Lopes (2014, p. 22): “[...] a inquietação é um dos motores para as ações criativas”. Quando a pessoa tem algo que a aflige, alguma questão que precisa ser revista, resolvida de modo diferente, usar a Arte para se manifestar pode resultar em encontro de novas direções, mais claras, mais leves e eficazes. Lopes (2014) também nos ajuda a pensar na relação entre as emoções e a expressão criativa como possibilidade de restauração da vitalidade e da saúde afetiva. Em seu livro *Práticas criativas de arteterapia como intervenção na depressão - Memórias da pele*, a autora relaciona o desejo de acolhimento com a criatividade ao afirmar:

Temos aqui o desejo de uma vida afetiva que possa funcionar de maneira estruturante e revele as memórias da nossa história. Na mais profunda camada, o desejo é de acolhimento. A criatividade abre as portas para a restauração da vida saudável (Lopes, 2014, p. 22).

A criatividade é também um tema importante para a Arte no contexto da Educação. Ao abordar a questão da criatividade, Ostrower (1987) relaciona o ato criador com a estruturação de novas compreensões, ao pontuar que:

Criar é basicamente formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se nesse novo de novas coerências que se estabelecem na mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (Ostrower, 1987, p. 09).

Dessa maneira, refletimos como a experiência dos afetos pode ser transformada por meio do ato criador e este, por sua vez, dá forma a algo novo, facilitando a capacidade de compreender e (re)significar a própria experiência.

Para Coutinho (2013), a Arteterapia é um campo amplo que se cria e recria a partir da colaboração de profissionais, os mais variados (pedagogos, terapeutas, professores de Arte, psicólogos e outros). Dos cursos dessa área do saber surgem arteterapeutas diferenciados, os quais, de acordo com os conhecimentos adquiridos em campos distintos, poderão atuar em muitos espaços, como escolas, organizações, consultórios, ateliês.

Tal trabalho pode ser também variado, pois a Arteterapia, segundo Acampora e Acampora (2016), tem muitas funções:

A Arteterapia é transformação. Sua função é possibilitar e promover mudanças com vista à integralidade do indivíduo e conseqüentemente, à melhoria na qualidade de vida. É colaborar para a construção de um mundo onde a possibilidade de escolha, a liberdade e o respeito à singularidade sejam fatores-chave para a vida em comunidade. É acreditar que o ser humano pode viver de forma integral, respeitando seus próprios limites e características, exaltando e orgulhando-se de seus talentos. É sonhar e trabalhar por uma sociedade mais cooperativa, saudável e feliz e pela humanidade no sentido estrito da palavra (Acampora; Acampora, 2016, p. 13).

A Arteterapia tem várias abordagens, mas, no presente estudo, o enfoque é sobre a junguiana, especialmente pela sua essência humanista, que compreende o potencial criativo como parte do processo de crescimento humano. Sobre isso, Lopes (2014, p. 52) diz:

A Psicologia de Jung é essencialmente humanista, isto é, confere importância maior ao ser humano e realça seus sentimentos, vivências e potencial. A

abordagem junguiana surgiu das observações clínicas e, sobretudo, das vivências de Carl Gustav Jung. Ele acreditava no ser humano como saudável, e em constante desenvolvimento. Desta forma, na sua teoria, o estudo do potencial criativo não foi deixado de lado, mas assume fundamental importância no processo de crescimento do humano.

Esses autores nos ajudam a compreender que a Arteterapia integra o autoconhecimento, a expressão criativa e a transformação do indivíduo por meio de ações criativas.

1.1 A ARTERAPIA SEGUNDO CARL GUSTAV JUNG

A Arte, desde os primórdios da humanidade, tem sido uma poderosa forma de expressão. Desde a Pré-História, o ser humano expressa seus sentimentos através dos desenhos nas paredes das cavernas, representando alegrias, tristezas, morte e dor. Fischer (1971, p. 21) destaca que “[...] a arte é quase tão antiga quanto o homem”, ressaltando o papel ancestral que ela desempenha na expressão do inconsciente humano.

Apesar de o termo “arte” estar relacionado a diversas linguagens artísticas, a palavra “arteterapia” refere-se ao trabalho dos profissionais que utilizam preponderantemente as artes plásticas como recurso terapêutico, e “artes em terapia” ou “terapias expressivas” para denominar o uso mais amplificado das diversas formas artísticas, como desenho, pintura, colagens, dança, teatro e música, para fins terapêuticos (Ciornai, 2004 *apud* Capucho, 2020, p. 11). Cada modalidade artística pode atender a diferentes demandas emocionais.

O desenvolvimento da Arteterapia se iniciou entre as décadas de 1920 e 1930, influenciado pelos trabalhos de Freud e Jung. Freud ([1908]/1996) já sugeria que as crianças brincam impulsionadas pelo desejo de se tornarem adultas e realizar suas fantasias. O artista, diferentemente da criança, não tem mais essa mesma ilusão, mas expressa sua imaginação através da criação artística. A partir dessa premissa, Freud (1996) vinculou a expressão artística a uma forma de lidar com os conflitos internos, uma ideia que foi expandida por Jung, especialmente no que diz respeito à individuação.

A teoria da individuação de Jung (2011) propõe que cada indivíduo vivencia emoções, traumas e perdas de forma singular. Nesse contexto, Jung (2011) defende

o uso das técnicas artísticas como meio de manifestação do inconsciente, favorecendo o autoconhecimento do ser, e afirma:

Sem emoção, não há transformação. Emoções estão associadas às forças instintivas do inconsciente. A razão e o sentimento devem trabalhar juntos para que o indivíduo possa lidar com o conflito interno. A integração dessas polaridades é essencial para o crescimento e o equilíbrio psíquico (Jung (2011, p. 239),

O autor destaca que a união entre razão e sentimento é fundamental para que o indivíduo possa lidar com seus conflitos internos. Esse processo de integração é essencial para o crescimento e o equilíbrio psíquico. Através da Arte, o inconsciente encontra um canal de expressão que permite ao sujeito confrontar e trabalhar suas dores, como é o caso do luto.

Jung (2011) também compreendia que as perdas fazem parte do processo de transcendência. Ele afirmava que "[...] somente após a aceitação das perdas e do caos interno, o novo pode emergir. As perdas são essenciais para que o indivíduo possa transcender e alcançar uma nova forma de plenitude" (Jung, 2011, p. 254). Isso sugere que, através da Arte, o indivíduo pode ressignificar suas perdas, transformando a dor em um caminho de crescimento e renovação.

Em *Luto e Melancolia*, Freud ([1917]/1974) faz a comparação da experiência do luto ao que, em sua época, era conhecido como melancolia e, nos tempos modernos, é chamado de depressão.

Nesse sentido, a Arte, em suas diferentes formas, tem o poder de trazer à tona os conflitos internos, tanto no nível individual quanto no coletivo. Como Jung (2016, p. 82) explica: "Às vezes, pode ser difícil para o paciente expressar seus problemas em palavras, mas, se lhe for pedido que desenhe ou pinte o que sente, ele frequentemente descobre que seus conflitos internos se revelam com uma clareza surpreendente". Essa citação evidencia o poder das artes visuais como ferramenta para acessar camadas profundas do inconsciente e trazer à luz questões que poderiam permanecer ocultas.

Tal visão é endossada por Lopes (2014, p. 28), que afirma: "Acreditamos na criatividade, ou na atitude criativa, para resolver questões internas e esta nem sempre é observável". A criatividade, nesse contexto, não é apenas uma manifestação estética, mas uma via para acessar e resolver problemas emocionais que, de outra forma, poderiam continuar bloqueados.

Além disso, Viso (2022, p. 36) destaca que, na teoria da individuação, a Arte é uma forma de "[...] expurgar a dor e superá-la". O processo criativo, tanto no contexto terapêutico quanto no educacional, oferece ao indivíduo a oportunidade de externalizar seus conflitos, processá-los e, eventualmente, superá-los. No ambiente educacional, essa abordagem pode transformar problemas em soluções, à medida que o aluno utiliza a Arte para explorar suas emoções e desenvolver seu autoconhecimento.

A Arte é, de fato, terapêutica. Viso (2016) observa que muitas pessoas, ao lidar com traumas, medos e angústias, encontram nela uma forma de reorganizar seus pensamentos e emoções de maneira saudável, pontuando: "Dança, teatro, artes visuais são linguagens que ajudam o ser humano a reprogramar sua mente de forma sadia" (Viso, 2016, p. 27) e reforçando que a Arte tem o poder de curar e transformar.

Essa mesma visão foi abraçada por Nise da Silveira, psiquiatra brasileira pioneira no uso da Arte como ferramenta terapêutica no tratamento de pacientes com doenças mentais graves, como a esquizofrenia. Silveira (2015) acreditava que, ao oferecer a seus pacientes tintas, telas e pincéis, estava proporcionando a eles um meio de se expressarem de maneira mais humanizada. Essa abordagem inovadora ressoa com as ideias de Jung e com a própria essência da Arteterapia, que reconhece o poder da Arte na transformação psíquica.

Viso (2022, p. 101) sintetiza essa perspectiva ao afirmar que "[...] a arte e a arteterapia são instrumentos de reprogramação de conflitos internos". Durante o processo criativo, o indivíduo é afetado e transformado pela própria experiência de criação, o que reforça o potencial curativo da Arte. Nesse sentido, o ensino de Arte, conforme Viso (2016, p. 28), vai além da técnica; ele lida com "[...] elementos, conceitos e temáticas do emocional de forma prática em sala de aula", mostrando que a Arte é uma disciplina que permite o contato direto com as emoções, proporcionando um aprendizado significativo e profundo.

Jung (1986) também entendia que a afetividade permeia a experiência artística e terapêutica: "A afetividade é uma condição essencial para o funcionamento da psique. Quando o afeto é reprimido, ele busca uma forma de expressão, muitas vezes encontrando seu caminho através da arte" (Jung, 1986, p. 114). No ambiente educacional e terapêutico, isso avigora a importância de um olhar sensível, capaz de acolher o indivíduo em sua totalidade emocional e cognitiva.

Dessa forma, no próximo capítulo discutimos a importância da Arte como uma ferramenta de expressão e ressignificação, em conjunto com a afetividade, para auxiliar na superação do luto e de outras perdas. A combinação dessas abordagens cria um espaço seguro e produtivo a fim de que as pessoas possam expressar suas emoções, processar suas experiências e encontrar novos significados diante de adversidades.

CAPÍTULO II

ARTETERAPIA E AFETIVIDADE NA SUPERAÇÃO DO LUTO E DE OUTRAS PERDAS

Este capítulo investiga a função da Arte na Arteterapia como ferramenta para o desenvolvimento pessoal e a superação de conflitos internos. Pesquisamos diferentes autores, incluindo Ciornai (2004), que aborda a Arteterapia e seus procedimentos; Jung (1986, 1991, 2000, 2011, 2016), o qual explora a simbologia e os processos internos de processamento de experiências pessoais; Silveira (2015), que aplicou as técnicas artísticas tornando o tratamento psiquiátrico mais humanizado, entre outros a serem citados posteriormente. Buscamos também sete autores de livros, ilustradores, artistas plásticos que desenvolveram trabalhos nesse contexto, a fim de superar suas dificuldades e, através de suas obras, ajudarem outras pessoas.

A Arteterapia é uma inspiração valiosa para auxiliar adolescentes, que são o foco desta pesquisa, e pessoas de diversas faixas etárias a lidarem com a perda, seja de um ente querido, de um animal de estimação, em decorrência de uma separação, ou até mesmo da mudança de um lugar significativo, além de outras situações desafiadoras, como bullying, complexos e inseguranças. Por meio da expressão artística, é possível canalizar as emoções negativas associadas ao luto ou à angústia, dando vazão aos sentimentos. A Arteterapia incentiva a aproximação entre sentimentos e a criatividade e imaginação, o que pode se revelar especialmente benéfico em momentos de grande dor e tristeza, especialmente entre adolescentes. Contudo, é fundamental ressaltar que a prática da Arteterapia em si, diferente da perspectiva desse trabalho do qual a Arteterapia é inspiradora, deve ser conduzida por profissionais devidamente qualificados e capacitados, garantindo a efetividade e a segurança do processo terapêutico.

A Arteterapia, como aponta Francisquetti (2004), relaciona-se profundamente com o ser humano:

Primeiramente, precisamos entender que a Arteterapia cuida do ser humano na sua essência, integrando as áreas básicas: neurológica, cognitiva, afetiva e emocional, aprimorando as funções egoicas como percepção, atenção,

memória, pensamento, capacidade de previsão, exploração, execução, controle da ação, além de sua função social (Francisquetti, 2004, p. 17)

Nesse sentido, conforme Ciornai (2004), a Arteterapia é um caminho através do qual cada indivíduo pode encontrar possibilidades de expressão para, através de técnicas e materiais artísticos, processar, elaborar e redimensionar suas dificuldades na vida.

Dentre tais dificuldades, temos o luto, que pode ser definido como um conjunto de reações que um indivíduo sente e/ou pratica, como consequência da perda de alguém muito querido. O sofrimento por essa quebra de vínculo aumenta de acordo com a proximidade e o apego à pessoa. Perder um animal de estimação, passar por uma separação familiar, ou mudança de residência para um local novo e distante de quem se ama, também pode ser traumático. É preciso lidar com essas emoções de modo que sejam enfrentadas e superadas de maneira positiva.

Cada um reage de uma forma diante desse tipo de situação. Alguns se isolam, se fecham; outros falam muito, inclusive sobre a pessoa falecida; outros têm reações fisiológicas, como tensão muscular, perda do apetite, perda do sono, entre outros.

Dessa forma, o rompimento de uma relação ou uma perda desencadeia sentimentos e comportamentos variados, levando o enlutado ao entorpecimento e à melancolia, a um período de desorganização e prostração, até que o indivíduo possa iniciar um trabalho de elaboração dessa perda, retomando a organização da própria vida (Caterina, 2019).

Às vezes, faz-se necessária a busca de ajuda profissional, como um arteterapeuta. Segundo Freud (1974, p. 50), “[...] quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido”.

Apesar de ser um período difícil, especialistas afirmam que é importante viver o sentimento de perda em toda a sua extensão e buscar, com apoio social, psicológico e espiritual, forças para reorganizar a vida (Paraízo, 2009).

Segundo Parkes (1998), o luto assemelha-se a uma ferida física, mais do que a qualquer outra doença. A perda pode ser referida como “um choque”. Assim como no caso do machucado físico, o “ferimento” aos poucos se cura. Ocasionalmente, porém, podem ocorrer complicações, a cura é mais lenta ou outro ferimento se abre naquele que estava quase curado. Nesses casos, surgem as condições anormais, que têm possibilidade de ser ainda mais complicadas, com o aparecimento de outros tipos de doenças. Muitas vezes, parece que o resultado será fatal.

Nesse processo, Paraízo (2009, p. 03) observa que “[...] não existe uma fórmula mágica ou uma equação precisa para lidarmos com a dor da perda ou com qualquer outro evento no âmbito das emoções”.

É preciso vencer cada etapa do luto ou de situações conflitantes e procurar ajuda para superar perdas tão significativas. Vale ressaltar a importância das Artes nesse momento, que podem possibilitar a construção da identidade, o desenvolvimento da autonomia através da superação das dificuldades, a expressão de sentimentos e aspirações e a possibilidade de proporcionar a formação do indivíduo.

Isso se faz necessário, já que lidar com a morte é algo complexo e provoca atitudes relacionadas a uma espécie de tabu, como aponta Paraízo (2009, p. 06):

É fato que alimentamos o ideal de nunca perder. Não gostamos de perder o conforto, as amizades, as pessoas, os laços, e é por este prisma de relutância que tentamos fugir da realidade da morte. Você já viu um corpo sem vida ser retirado com naturalidade pelo fronte de um hospital? Nunca vi. Normalmente a funerária encosta nos fundos, junto à porta mais discreta e o procedimento acontece como que a dizer: “Perdemos, e para nossa imagem isso não é bom”. Na maioria das culturas há um tabu silencioso que rege a morte, roubando-lhe a possibilidade de ser natural.

O enlutamento pode acontecer em várias situações. De acordo com Santana (2017, p. 28), “[...] o processo de luto ocorre quando há um corte do vínculo com o outro, com o objeto ou com algo”. A autora continua:

Há dois tipos de perdas; a real quando há morte de uma pessoa ou algo concreto como perda de vínculos com pessoas ou objetos, e a perda simbólica que são perdas de natureza psicossocial, início e final de uma gravidez, passagem de mudanças de fases como final de infância, de adolescência e início da velhice (Santana, 2017, p. 29).

A Arteterapia aliada ao aspecto humanizado, à relação de afeto entre as pessoas, no contexto escolar, de modo especial entre professor e aluno, nos faz lembrar de que, mesmo diante de tantos avanços na ciência, na tecnologia, a interação social afetuosa não deve ser substituída – é o que pode fazer a diferença na vida de quem está passando por um momento doloroso.

2.1 EXPRESSÃO ARTÍSTICA E RESSIGNIFICAÇÃO DO LUTO: ESTRATÉGIAS E REFLEXÕES

Muitos pintores famosos, como Bosch, Caravaggio, David, Klimt, Salvador Dalí e Cândido Portinari, dedicaram-se a retratar a morte e o luto, temas universais e profundamente humanos (Beltrão, 2014). Essas representações vão além de uma perspectiva individual, abordando a morte como um processo inevitável e, ao mesmo tempo, repleto de significados complexos. Através de suas obras, esses artistas exploram desde a angústia e o medo da perda até o consolo e a possibilidade de transcendência.

Cada um desses pintores traz uma visão distinta, mas complementam-se ao abordar a mortalidade de maneiras específicas e simbolicamente ricas. Bosch, por exemplo, utiliza alegorias elaboradas para tratar temas de paraíso e inferno, enquanto Caravaggio, com seu uso dramático de claro-escuro, enfatiza a intensidade emocional de cenas de martírio e sacrifício. Klimt, por outro lado, combina a delicadeza e o contraste de figuras vibrantes com a presença soturna da morte, como em *A Morte e a Vida* (Figura 01). Esses artistas não apenas abordam a morte em suas complexidades emocionais, mas também inspiram reflexões sobre a vulnerabilidade e a resiliência humanas, aspectos que, como veremos, são compartilhados por autores contemporâneos na busca por significados diante da perda.

Figura 01 - *A Morte e a Vida*, óleo sobre tela - Gustav Klimt (1916)



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_e_Vida_\(Klimt\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_e_Vida_(Klimt)). Acesso em: 10 nov. 2024.

Não gostamos de perder, nem estamos acostumados a tal coisa. Lidar com a morte, especificamente, não é fácil para a maioria das pessoas; porém, é fato certo

de acontecer em algum momento da vida. A Arte é uma ferramenta poderosa para expressar emoções e ressignificar experiências, especialmente no processo de luto.

Para compreender como ocorre o processo de transformação da dor em expressão artística, foi realizado um levantamento cuidadoso de obras publicadas, incluindo autores e artistas que exploram o luto e a perda em suas produções. Esta pesquisa envolveu a seleção de sete obras que apresentam diferentes estratégias de representação artística da dor, desde o uso de símbolos até abordagens narrativas e visuais. A partir dessa triagem, foi possível identificar elementos e recursos que auxiliaram na análise dos trabalhos realizados posteriormente pelos estudantes, enriquecendo o entendimento sobre como as práticas artísticas podem servir como canal para o autoconhecimento e a superação de conflitos emocionais.

Durante o segundo semestre de 2022, a disciplina *Poéticas e Processos da Criação em Artes* (PPGMA005), ministrada pela professora Roberta Maira de Melo, proporcionou uma compreensão mais profunda dos processos criativos em artes visuais. Em uma das atividades, foi proposta a criação de materiais que dialogassem com os processos de criação analisados ao longo do curso. Nesse contexto, selecionei imagens de obras pesquisadas para esta dissertação, com o objetivo de apresentá-las em uma aula com os alunos, simulando uma experiência semelhante à do experimento de campo descrito no Capítulo IV. Essa prática me permitiu refletir sobre as estratégias de criação e sobre como elas poderiam ser empregadas na construção de um diálogo entre Arte e expressão emocional no ambiente escolar. Inclusive as imagens impressas do livro *Menina Nina - Duas Razões para Não Chorar*, de Ziraldo (2002), fizeram parte do experimento com as turmas de 9º ano.

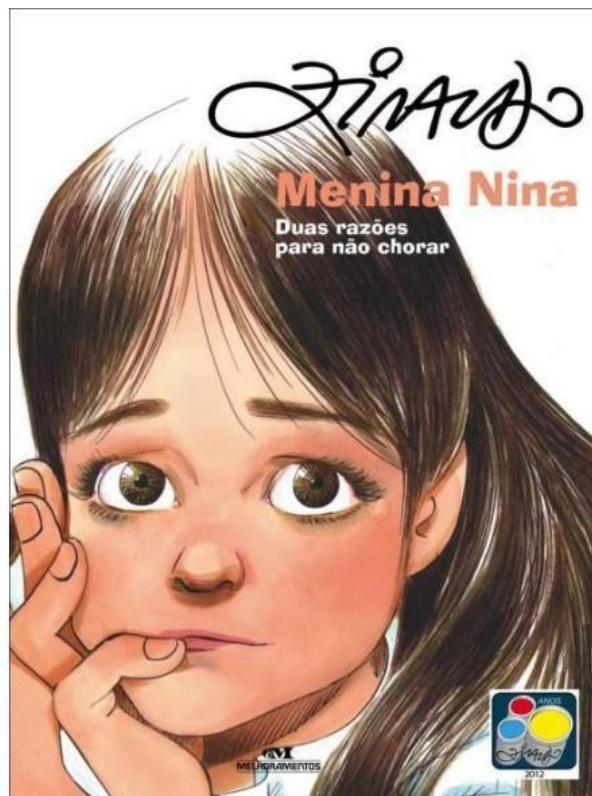
Ao analisar as criações artísticas de autores que transformaram sua dor em arte, é possível identificar padrões e estratégias que servem tanto para a expressão individual quanto para o auxílio de outros na superação de suas próprias perdas. Aqui, não basta apenas descrever as obras, mas também compreender as estratégias de criação adotadas e as reflexões por trás dessas produções.

2.1.1 Ziraldo: criando personagens e metáforas

O cartunista Ziraldo (1932-2024) transformou a dor pela morte da esposa em um processo criativo literário voltado para sua neta. Em seu livro *Menina Nina – Duas*

Razões para Não Chorar (Figura 02), Ziraldo (2002) adota uma narrativa poética e leve, desenvolvendo personagens e metáforas para facilitar a uma criança o entendimento do luto. A criação da personagem Nina e a metáfora das estrelas – sugerindo que, ao olhar para o céu e ver uma estrela brilhante, pode-se imaginar que o ente querido ainda está presente – servem como alternativas simbólicas que oferecem acalento e um sentido de conexão com aqueles que se foram.

Figura 02 - Capa do livro *Menina Nina – Duas Razões para Não Chorar*, de Ziraldo (2002)



Fonte: <https://www.zoom.com.br/livros/menina-nina-duas-razoes-para-nao-chorar-pinto-ziraldo-alves-9788506005187>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Esse processo de criar personagens e de usar metáforas, além de ajudar a pequena Nina a lidar com a perda, trouxe conforto aos leitores, demonstrando o potencial da Arte para suavizar o impacto do luto e tornar a experiência compreensível e, até, reconfortante. A escritora Nina Amarante, neta de Ziraldo, tinha sete anos quando a avó faleceu. Anos depois, em depoimento ao *site* NeoFeed, ela fala com emoção sobre como o livro escrito por seu avô a ajudou na superação dessa perda tão significativa. Comenta que o livro fez com que ela ressignificasse a partida, cuidasse das memórias – e ainda se tornou algo para ajudar outras pessoas (Amarante, 2022, *online*). Com o tempo, a pequena Nina se tornou a escritora Nina

Amarante, reforçando, com sua própria obra e trajetória, o poder da Arte, de transformar a dor em acolhimento e empatia. Na Figura 03, avô e neta.

Figura 03 – O escritor Ziraldo e sua neta Nina Amarante



Fonte: <https://neofeed.com.br/blog/home/meu-avo-me-ensinou-a-ressignificar-a-partida-diz-neta-de-ziraldo/>

2.1.2 Ieda de Oliveira: ressignificando a vida com bom humor

Ieda de Oliveira (1969-), bacharel em Artes Plásticas e mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Bahia - UFBA. Escreveu livros sobre a morte através de contos tenebrosos, porém, repletos de humor (Ieda de Oliveira, 2017). A Figura 04 traz a capa de um deles, *O Cheiro da Morte e Outras Histórias*, uma coletânea de contos que aborda o tema da morte de maneira bem-humorada e reflexiva, apesar de seu conteúdo sombrio. Cada conto traz personagens peculiares e situações que exploram o tema da mortalidade, tratando o assunto de forma que pode ser atraente e intrigante para leitores jovens.

Figura 04 - Capa do livro *O Cheiro da Morte e Outras Histórias*, de Ieda de Oliveira (2010)



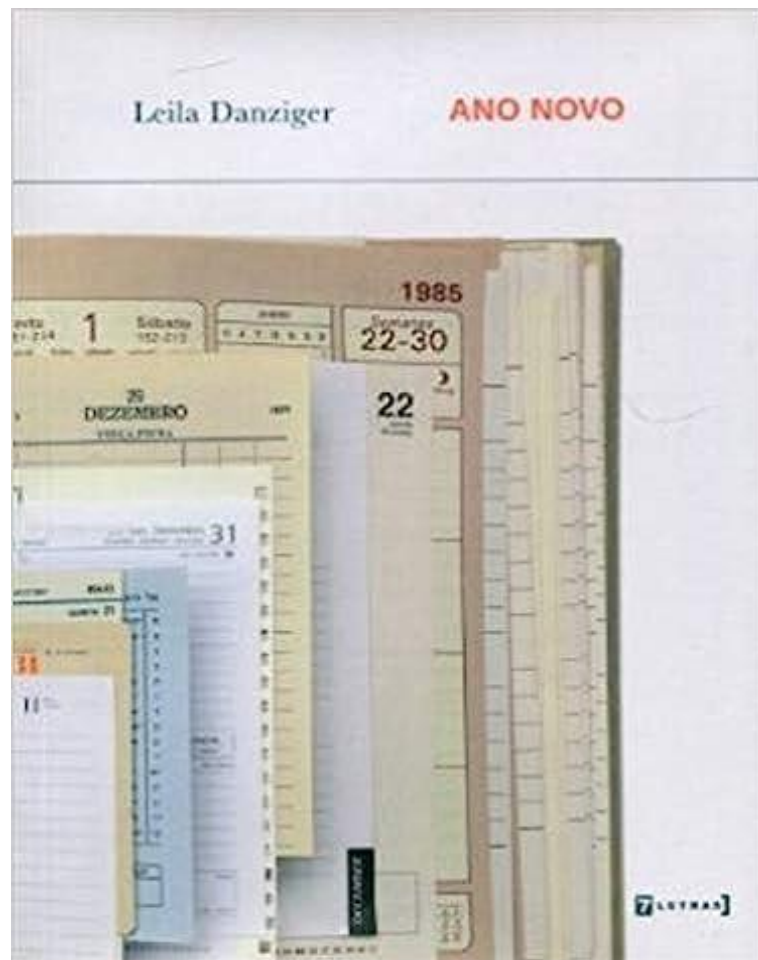
Fonte: <https://www.ciodaterra.com.br/o-cheiro-da-morte-e-outras-historias>. Acesso em: 10 dez. 2022.

A obra é publicada pela Editora Biruta e busca, ao misturar humor e elementos macabros, proporcionar uma visão acessível do luto e da perda para adolescentes, ajudando-os a refletir sobre esses temas profundos de maneira menos traumática.

2.1.3 Leila Danziger: memória material, documentos e objetos como ilustração de poesias

A artista visual **Leila Danziger** adotou uma estratégia diferente em sua obra *Ano Novo* (Danziger, 2016), utilizando documentos e objetos deixados por seu pai após a morte para construir uma narrativa poética. Ela organiza sua memória através de material físico – documentos, mapas e cadernetas – que ganham vida em suas poesias e ilustrações.

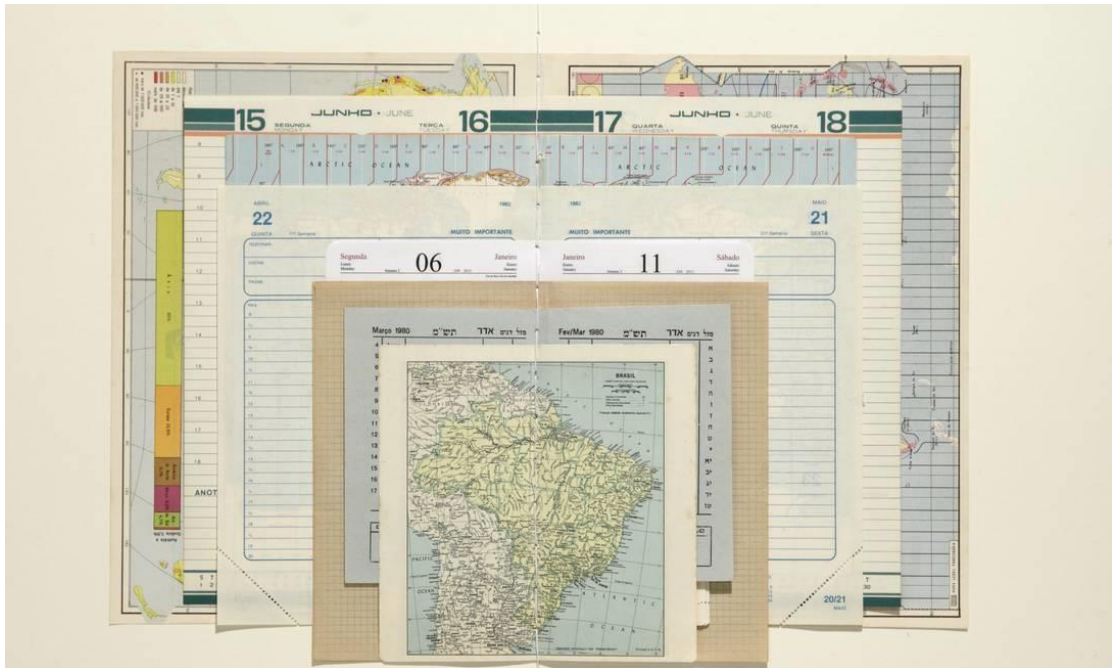
Figura 05 - Ilustração do livro de poesias *Ano Novo*, de Leila Danziger (2016)



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Ano-Novo-Leila-Danziger/dp/8542105338>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Os poemas são ilustrados por imagens das agendas do pai misturadas às agendas de Leila (Figuras 05 e 06) (Filgueiras, 2017). Essa estratégia de criação, ao mexer com a "memória material", permite que a dor da perda seja processada de forma tangível, como se a própria materialidade dos objetos facilitasse o processo de aceitação e ressignificação do luto.

Figura 06 - Ilustração do livro *Ano Novo*, de Leila Danziger (2016)



Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/artista-visual-carioca-cria-livro-partir-das-memorias-do-pai-20721548>. Acesso em: 22 jun. 2023.

2.1.4 Sandra Ronca: aquarelas e desenhos digitalizados da pessoa que se foi

Sandra Ronca, escritora e ilustradora, perdeu seu filho em dezembro de 2007, vítima de bala perdida. Decidiu então escrever um texto sobre a relação mãe e filho e a “sempre presença”. Depois pintou uma aquarela e, na sequência, outras. Tratou digitalmente alguns desenhos realizados pelo menino antes de falecer, juntando-os às suas aquarelas, e assim fez um livro: *tenHo Um amiGO*, cujo título destaca o nome do filho: “Hugo” (Figuras 07 a 09). Esse processo de junção de imagens, de limpeza de rabiscos, serviu-lhe como uma terapia de superação do luto. Ela fez uma combinação de mídias que ajudou a si mesma e outras pessoas. Posteriormente, Ronca descobriu que o movimento se tratou de Arteterapia. Tudo isso fez com que

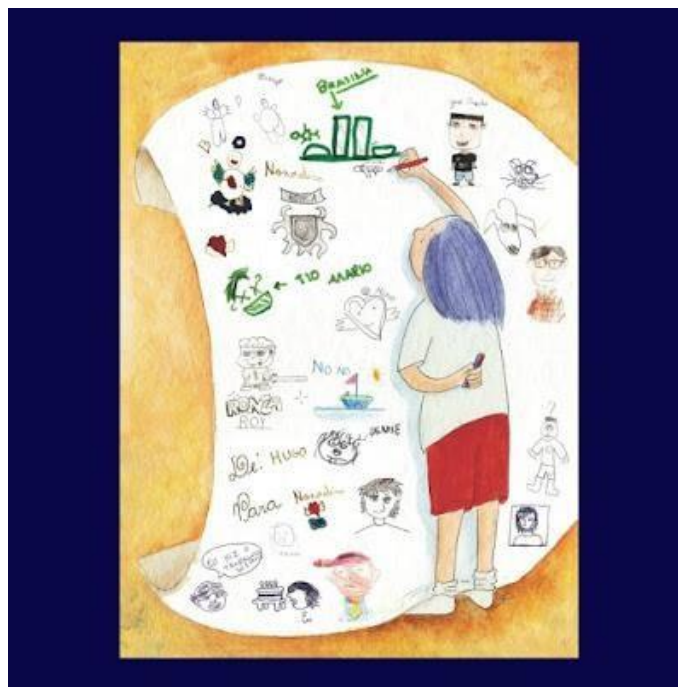
ela se interessasse pela formação profissional na área. Assim, hoje, além de escritora e ilustradora, ela também é arteterapeuta (TV SENADO, 2017).

Figura 07 - Capa do livro *tenHo Um amiGO*, de Sandra Ronca (2016)



Fonte: <https://cristinasaliteraturainfantilejuvenil.blogspot.com/2018/01/uma-leitura-para-ser-feita-com-o.html>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Figura 08 - Ilustração do livro *tenHo Um amiGO*, de Sandra Ronca (2016)



Fonte: <https://cristinasaliteraturainfantilejuvenil.blogspot.com/2018/01/uma-leitura-para-ser-feita-com-o.html>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Figura 09 - Foto da autora do livro *tenHo Um amiGO*, Sandra Ronca, e seu filho (falecido) Hugo Ronca



Fonte: <https://cristinasaliteraturainfantilejuvenil.blogspot.com/2018/01/uma-leitura-para-ser-feita-com-o.html>. Acesso em: 11 jul. 2022.

2.1.5 Ana Clara Guinle: personagem em gravuras

Ana Clara Badia Guinle (1991-), bacharel na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, fez uma série de gravuras em metal, denominada *Menina da Cara Preta*. Ela já estava construindo essa imagem quando perdeu o pai e vivenciou seu processo de luto. Sobre esse trabalho (Figuras 10 a 13), Guinle (2017) escreveu:

A série de gravuras já estava em processo, mas foi vivenciando o luto que consegui entender o que eu realmente queria dizer com a imagem da

personagem que eu já vinha construindo. Através da zine, falo sobre a renovação pós-perda. Hoje vejo a *Menina da Cara Preta* como um alter ego. Além dessas gravuras e zines, essa série se desdobrou também em pinturas murais. A primeira Menina da Cara Preta que pintei em uma parede foi no quarto de uma amiga que estava vivenciando a perda de seu avô. A morte modifica quem fica, une e revela nossas outras muitas faces. A morte de algo, de alguém, ausência que nos modifica e transforma. Uma dor particular, indescritível, que apenas seu corpo sente, enquanto se sente sem controle dentro de um corpo desconhecido. A cada perda, uma nova cara preta (Guinle, 2017, p. 135).

Figura 10 - Gravura de Ana Clara Guinle (2017)



Fonte: <https://jornalnota.com.br/2017/02/03/menina-da-cara-preta-com-gravuras-zines-e-pinturas- artista-fala-sobre-luto-perda-e-renovacao/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

Figura 11 - Processo criativo de Ana Clara Guinle



Fonte: <https://jornalnota.com.br/2017/02/03/menina-da-cara-preta-com-gravuras-zines-e-pinturas- artista-fala-sobre-luto-perda-e-renovacao/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

Figura 12 - Gravura e foto da artista visual Ana Clara Guinle



Fonte: <https://jornalnota.com.br/2017/02/03/menina-da-cara-preta-com-gravuras-zines-e-pinturas- artista-fala-sobre-luto-perda-e-renovacao/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

Figura 13 - Reprodução de gravura de Ana Clara Guinle sobre o luto



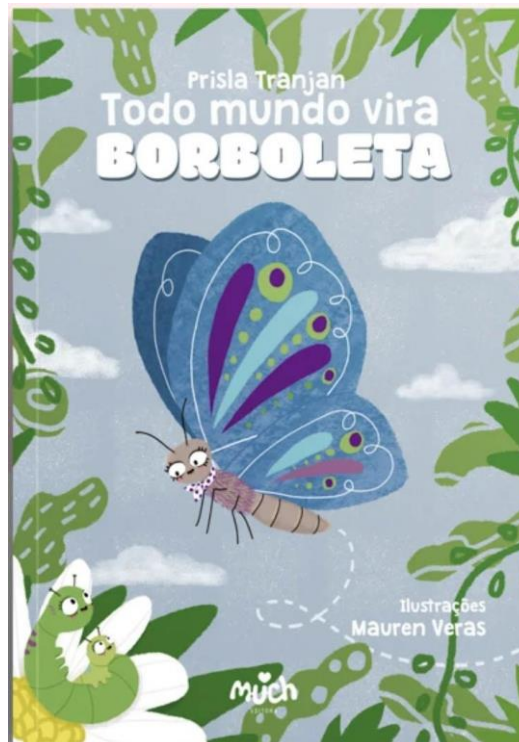
Fonte: <https://jornalnota.com.br/2017/02/03/menina-da-cara-preta-com-gravuras-zines-e-pinturas- artista-fala-sobre-luto-perda-e-renovacao/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

2.1.6 Prisla Tranjan: história ilustrada e metáfora da borboleta

Prisla Tranjan, educadora parental em Comunicação Consciente, escritora, perdeu a mãe durante a pandemia do Coronavírus, escreveu o livro *Todo Mundo Vira Borboleta* (Figura 14) para tentar explicar a morte ao filho de dois anos e superar a própria dor. Usa uma comunicação direta e acessível com o objetivo de tornar o luto uma experiência mais humana e compartilhável, após construir uma compreensão coletiva da perda (Lisauskas, 2022). Em entrevista ao *blog* do Estadão, entendemos como foi a perda da mãe e a escrita de seu livro para ajudar o filho e também outras pessoas:

Em dois anos de pandemia, o Brasil perdeu mais de 655 mil pessoas para o coronavírus - pais, mães, filhos, tios, tias, avôs e avós. A mãe da educadora parental Prisla Tranjan, 28, foi uma dessas vítimas. Mas para o pequeno Joaquim, hoje com 4 anos, ela não era um número, mas sim a vovó Mira. O pequeno acordava e já queria saber da avó, que vivia com a filha, o genro e o neto por ter alguns problemas de saúde que demandavam cuidados. Quando pegou coronavírus, muito antes de começar a vacinação, não resistiu e morreu aos 67 anos, deixando um buraco no peito de sua família e o pequeno Joaquim desorientado. "Ele perguntava, 'mãe, cadê minha vó?' 'Mãe, por que você tá chorando?' 'O que é que tá acontecendo?' Ele me fazia umas perguntas que eu pensava 'como é possível uma criança tão pequena me encher de perguntas num momento tão difícil, como eu vou responder?'" , conta Prisla. (Lisauskas, 2022, *online*).

Figura 14 - Capa do livro *Todo Mundo Vira Borboleta*, de Prisla Tranjan (2021)



Fonte: <https://www.justrealmoms.com.br/guia/much-editora/todo-mundo-vira-borboleta-priscila-tranjan-just-real-moms/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Ao analisar as obras de autores que transformaram suas vivências de perda em criações artísticas, podemos identificar diversas estratégias que tanto facilitam a expressão individual da dor, quanto servem como instrumentos para o público lidar com sentimentos semelhantes. Ziraldo (2002), por exemplo, utiliza personagens e metáforas como estratégia em *Menina Nina – Duas Razões para Não Chorar*, criando uma história de fácil acesso para sua neta, Nina, que ressignifica o luto ao enxergar a avó como uma estrela brilhante no céu. Já Nina Amarante, influenciada pela criação do avô, mais tarde compartilha como essa obra a ajudou a processar suas próprias emoções e a oferecer apoio a outros que lidam com perdas similares (Amarante, 2022).

Outros autores adotam abordagens diferenciadas para tratar do luto. Ieda de Oliveira, em *O Cheiro da Morte e Outras Histórias*, emprega o humor sombrio para suavizar a seriedade da morte, permitindo aos leitores uma reflexão menos traumática sobre o tema (Oliveira, 2010), enquanto Leila Danziger usa a memória material, incorporando objetos e documentos de seu pai falecido em seu livro *Ano Novo* (Danziger, 2016). Essa transformação de lembranças físicas em Arte ajuda a ressignificar a ausência, oferecendo ao artista e ao leitor um meio concreto de processar o luto. Sandra Ronca também usa memória material ao combinar aquarelas com desenhos deixados por seu filho falecido, criando um espaço de comunicação entre o presente e o passado (Ronca, 2016).

Essas produções indicam que as estratégias de criação, como a representação de personagens, a elaboração de metáforas e o uso de memória material, atuam como pontes entre a experiência pessoal do artista e a superação do luto. Cada obra apresenta uma linguagem única, em que o desenho, a escrita e a manipulação de objetos pessoais não só comunicam a dor, mas também propõem uma forma de transformação, permitindo ao público que interprete e compartilhe essa jornada, de forma acessível e acolhedora.

Através da Arte o ser humano se expressa, desabafa, liberta-se. Segundo Fusari e Ferraz (2001, p. 79), quem contempla a Arte “[...] se emociona, estabelece ligações da obra com sua vida e se relaciona com ela de modo único, já que em Arte não existe certo ou errado: ela permite as mais diversas interpretações e os mais diferentes sentimentos, dependendo de quem a vê”. Podemos interpretar como um convite ao autoconhecimento: o espectador projeta na obra de seus próprios sentimentos e vivências, gerando uma experiência de reflexão e descoberta. Além

disso, a liberdade de não haver "certo ou errado" na Arte facilita o desenvolvimento de um olhar mais empático e compreensivo em relação aos próprios sentimentos e aos sentimentos alheios. Isso faz da Arte um meio terapêutico e socialmente integrador, no qual tanto o criador quanto o observador encontram alívio e entendimento. Em um contexto educacional, por exemplo, essa liberdade e a pluralidade de interpretações podem incentivar estudantes a explorarem suas emoções de forma construtiva, contribuindo para seu desenvolvimento emocional e intelectual.

E para o luto, não há idade, nem reações padronizadas, mas, sim, o sofrimento se faz presente, o que demanda atitudes direcionadas para se passar por esse período. Parkes (1998, p. 146) afirma que muitos dos pacientes que procuram ajuda psiquiátrica por luto estão sofrendo de formas intensas e prolongadas desse estado emocional. Parece razoável, portanto, considerar em primeiro lugar quais são os fatores que afetam a magnitude geral do luto, antes de tentar explicar algumas variáveis específicas.

Ao ler o artigo de Parkes (1998), concordamos com o que é exposto: existe a vivência do luto, de formas e intensidades variadas; desse modo, percebemos que a Arteterapia pode contribuir para a superação do processo do indivíduo enlutado.

Vasconcellos e Giglio (2007, p. 07) afirmam que,

[...] no espaço arte terapêutico, trabalhamos com a expressão simbólica através das imagens elaboradas nas produções artísticas (valorizando a representação gráfica e pictórica), sendo externalizadas vivências de sofrimento e morte sem que seja necessário nomeá-las.

Segundo esses autores, através da Arteterapia o indivíduo consegue elaborar os conflitos e enfrentar as experiências de perda, luto e dor.

Parkes (2009, p. 12), nessa linha de raciocínio, afirma que "O luto que sucede a perda tende a diminuir à medida que aprendemos a viver sem a presença viva da pessoa que amamos".

Jung (2000, p. 215) afirmou: "A criação artística oferece ao indivíduo a possibilidade de cura, pois permite a exteriorização de conteúdos inconscientes de forma simbólica, favorecendo a integração e a compreensão de si mesmo".

Considerando que a Arte é fundamental para o desenvolvimento de capacidades significativas, essenciais para a formação de um ser crítico, reflexivo e sensível, podemos dizer que, nesse horizonte, ela também contribuirá para a

superação da perda de pessoas queridas. A Arte nos permite explorar nossas emoções, conhecermo-nos melhor, expressar nossa individualidade e suplantar situações conflitantes de maneiras únicas e criativas – e percebemos isso no conjunto dessas obras.

No próximo capítulo apresentamos a importância da afetividade nas relações, especialmente entre professor e aluno. Veremos como essa conexão pode contribuir para uma convivência mais harmoniosa, auxiliar na solução de conflitos e também promover uma aprendizagem significativa.

CAPITULO III

A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES, EM ESPECIAL, ENTRE PROFESSOR E ALUNO

A afetividade pode ser compreendida como o estímulo que impulsiona a vida, influenciando diretamente nossos pensamentos, percepções, memórias, ações e vontades. Além de ser um componente essencial para a formação e o equilíbrio da personalidade, a afetividade desempenha um papel crucial em nosso desenvolvimento cognitivo e emocional (Alves, 2021, p. 16).

Freire (2002) destaca que a afetividade é essencial para a eficácia do processo educativo: "A afetividade, que se estabelece na relação entre educador e educando, é uma condição fundamental para que a educação se realize plenamente" (Freire, 2002, p. 70).

De acordo com Piaget (1976), a afetividade está intimamente ligada à inteligência e ao desenvolvimento motor e cognitivo. Em sua visão, "[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas", pois ambos os aspectos se influenciam mutuamente em todos os estágios do desenvolvimento humano (Piaget, 1976, p. 16). Portanto, a presença da afetividade é fundamental, inclusive no aprendizado de disciplinas que exigem raciocínio lógico, como a Matemática.

Quando pensamos no processo de ensino e aprendizagem de Arte, a afetividade surge como um fator essencial para a superação de dificuldades emocionais, como o luto, o *bullying* ou a separação familiar. Como aponta Neves (2009, p. 100), "[...] a educação sempre deveria ter o afeto como base. Professores e educadores precisam entender tanto de seres humanos e de amor, quanto de conteúdos e técnicas educativas".

Segundo Neves (2009, p. 100):

Formação e informação precisam andar de mãos dadas e acontecer nas vivências e aprendizagens. A escola viabilizará este processo abrindo as portas da afetividade. Afetividade bloqueada não permite experienciar as expressões em cores, palavras, sons, danças, histórias, invenções e criações imaginárias que constituem a matéria-prima da construção do indivíduo. Ela também necessita ser compartilhada coletivamente.

Ter um olhar sensível, cumprimentar com afeto positivo, interessar-se em saber como o outro está, pode fazer toda a diferença na vida de alguém que esteja passando por um momento ruim, por uma situação difícil, dolorosa. Mostrar que nos importamos, que podemos estar juntos, fortalecendo-nos, ouvindo, pode dar o impulso que o outro necessita para superar, para vencer aquela situação e sair dela mais forte.

A relação de afetividade entre professor e aluno é essencial para “[...] entender que o indivíduo que é tratado com afeto pode transformar-se em um ser humano capaz de enfrentar os problemas da vida e tem maior possibilidade de tornar-se uma pessoa mais solidária, mais centrada” (Mello; Rubio, 2013, p. 01).

Segundo os autores:

Muitos autores vêm, ao longo da história, defendendo que o afeto é indispensável para o ato de ensinar. Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois pode-se afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações e relações entre sujeitos, enquanto experiências vivenciadas (Mello; Rubio, 2013, p. 06).

Piaget (1976 *apud* Alves, 2021) afirma que a vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as suas adaptações são, não somente conjuntas, mas interdependentes, pois nos sentimentos manifestamos os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

Ensinar não é apenas transferir conhecimentos, mas envolve uma troca contínua de aprendizagens e afetos entre professor e aluno. Todos amadurecem. Com a presença da afetividade nessa relação, as dificuldades podem ser superadas com maior facilidade. Devemos tratar o outro como gostaríamos de ser tratados, ou seja, com respeito, empatia, sendo verdadeiramente humanos.

Sob o ponto de vista de Magalhães (2021, p. 16),

A sala de aula não deve ser apenas um espaço onde aconteça a aprendizagem intelectual, mas um local no qual se propaga o companheirismo e afeto, o que faz com que os momentos de afetividade vividos sejam essenciais para a formação de personalidades saudáveis e capazes de aprender.

Ainda de acordo com essa autora,

Preocupar-se com os alunos, reconhecendo-os como independentes, com uma experiência de vida diferente do professor, representa a afetividade no ambiente escolar. O aluno, ao ser respeitado, aprende a respeitar também, e, tendo o docente como um amigo, há maior garantia no vínculo que facilita o processo de ensino/aprendizagem. Portanto, fica clara a importância da afetividade no âmbito educacional, na perspectiva que o professor faz a

diferença quanto preza por uma relação saudável com o aluno (Magalhães, 2021, p. 17).

Desse modo, nosso trabalho segue essas ideias, pois entendemos, como Magalhães (2021), que respeitar os alunos, considerando-os como seres humanos em evolução, como nós mesmos, fortalece laços e propicia um ambiente de aprendizagem mais rico e com mais possibilidade de resultados positivos.

3.1 FORTALECENDO VÍNCULOS ATRAVÉS DA AFETIVIDADE: UMA BASE PARA O SUCESSO EDUCACIONAL E O BEM-ESTAR EMOCIONAL

O professor não é um mero transmissor de conhecimentos teóricos. O aluno não está na escola apenas para receber teorias. O educador e filósofo Paulo Freire aponta que a educação deve ser entendida como um ato amoroso, que vai além da simples transmissão de conteúdo. "Educar é um ato de amor, e não pode ser pensado apenas como um ato de transferência de conhecimento" (Freire, 1997, p. 98). Ambos são humanos, têm o que ensinar e aprender. É uma troca, que enriquece tanto um quanto o outro. São as vivências, a construção dos vínculos e da história de vida.

Neves (2009), acerca disso, assegura:

Sob esta ótica, a escola apresenta condições de tornar-se o continente de um desenvolvimento da organização dos sistemas afetivos e cognitivos, onde o aluno possa estar constantemente amadurecendo o intelecto e os afetos. Crianças necessitam de oportunidades para manifestar e trabalhar seus sentimentos na escola e não apenas sua inteligência ou capacidade de aprender (Neves, 2009, p. 99).

Madalena Freire também defende a prática de afeto e amorosidade no âmbito escolar. Segundo ela, "A afetividade é a base do processo educativo e se manifesta em relações de amorosidade, empatia e solidariedade" (Freire, 2011, p. 34). Também afirma que "As relações afetivas são essenciais para que se possa desenvolver uma educação que realmente forme seres humanos conscientes e críticos" (Freire, 2006, p. 58). E o que é amorosidade na relação professor-aluno? Freire (2010, p. 76) conceitua:

Amorosidade é um sentimento que não pode faltar na relação entre educadores e educandos. É a partir dela que se constrói um ambiente de aprendizagem verdadeiro e significativo.

Nesse sentido, aspectos de desenvolvimento no âmbito escolar foram comprometidos durante a pandemia do Coronavírus - Covid-19, em função do isolamento social: houve desafios no relacionamento com as pessoas da própria família, o toque tinha que ser evitado. Comércio fechou, escolas tiveram que se reinventar a fim de manter o contato com os estudantes. Segundo dados do Sistema Único de Saúde - SUS, mais de 705 mil óbitos foram confirmados (Brasil, 2023). As pessoas tinham que enterrar seus entes queridos em caixão lacrado, sem ao menos poder se despedir, o que tornava o processo de superação do luto ainda mais difícil e doloroso.

Aos poucos a vida foi voltando à normalidade e descobrimos o quanto um abraço faz falta, um sorriso, uma brincadeira fazem a diferença. Não somos robôs, munidos de inteligência somente intelectual, mas também temos emoções, que muitas vezes são abaladas. Sentimentos de angústia, tristeza, desânimo, ansiedade, podem causar outros sintomas como perda de apetite, dificuldade de concentração, medo, alterações no sono, dentre outros.

Assim, percebemos que a afetividade nas escolas, que já era essencial, tornou-se ainda mais vital após o isolamento social, evidenciando a necessidade de espaços onde os alunos possam expressar e trabalhar suas emoções.

Tudo isso pode acontecer no ambiente escolar. Neves (2009, p. 22) reforça essa constatação ao afirmar que

A amizade e a ternura são exemplos de sentimentos. Essas manifestações fazem parte de nossa vida psíquica e nos acompanham a todo o momento e em todas as situações. Na escola não é diferente e a aprendizagem depende em grande parte dessas relações afetivas, estabelecidas entre professores e alunos.

Ainda sobre isso, Neves (2009, p. 27) nos fala:

A pessoa é o resultado de uma rede de relações entre o conjunto motor, afetivo e cognitivo e seus fatores orgânicos e sociais. A personalidade também é constituída, basicamente, de movimentos interdependentes entre afetividade e cognição.

Nessa concepção da interdependência, para Morin (2002, p. 58, *apud* Neves, 2009, p. 30),

O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem do imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor

duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor devolve-nos à prosa.

Desse modo, precisamos cuidar do intelecto, buscar novos conhecimentos, nos capacitarmos, mas sem jamais deixar de lado o aspecto emocional, as relações de afeto, de relação humanizadora.

Tudo isso pode ajudar na superação de situações conflitantes, bem como tornar o convívio diário entre as pessoas mais acolhedor e agradável.

Com base nessas ideias, propusemos aos alunos que expressassem, por meio de desenhos e, se quisessem, também com textos, suas saudades, suas dores, a fim de que pudessem se aprofundar em seus universos internos e, através desse movimento, conseguir certo alívio e/ou resignificação de sentimentos. O resultado dessa atividade está no Apêndice deste volume.

CAPÍTULO IV

O EXPERIMENTO DA SAUDADE: UMA PRÁTICA SOBRE AFETIVIDADE E ARTE INSPIRADA PELA ARTETERAPIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo, apresento o experimento realizado com os alunos do 9º ano, cujo tema foi **saudade** (Apêndice). O objetivo era promover a expressão artística como meio de externalizar emoções relacionadas à perda e à distância, utilizando as estratégias abordadas ao longo deste trabalho. A escolha do tema **saudade** não foi casual, mas fruto da constatação de que, mesmo entre jovens, esse sentimento é latente e pode assumir diferentes formas, estejam elas ligadas a pessoas, lugares, momentos ou mesmo objetos. Apresentei aos alunos *Menina Nina* (Ziraldo, 2002), citada no item 2.1. O objetivo inicial seria apresentar duas obras aos estudantes: *Menina Nina* (Ziraldo, 2002) e *Todo Mundo Vira Borboleta* (Tranjan, 2021), mas, devido a mudanças no cronograma escolar, não houve tempo hábil. Os trabalhos de artistas e autores pesquisados são referências para análise dos alunos envolvidos no experimento.

Ao conversarmos sobre o tema, falei sobre minha experiência pessoal de perda, citando minha Mãe. Perguntei a eles quais tipos de saudade sentiam. Falaram sobre perda de animais de estimação por morte ou fuga, locais onde moraram, presentes que perderam, épocas vividas, pessoas falecidas ou distantes. Pedi que refletissem sobre o tema e expressassem através de desenho e escrita. Poderia ser texto, poema, poesia, mas deveria ser acompanhado de um desenho, colorido ou não. Meu plano inicial era recolher os trabalhos, analisar, fazer registros sobre essa análise e, na aula seguinte, promover uma roda de conversa, na qual quem se sentisse à vontade poderia comentar sobre sua “saudade”, seus sentimentos após esse ato criador, se algo os incomodara e o que fizeram para se sentir melhor. Essa parte também não foi possível realizar devido a alterações no cronograma escolar. Mas em outros momentos fui procurada por alguns alunos querendo conversar sobre esse trabalho. Uma aluna comentou que chorou muito pela falta que sentia da Mãe, que se mudara para o exterior. Perguntei como ela se sentia e o que poderia fazer para melhorar diante dessa situação. Ela disse que estava bem e aliviada, mas que passou

a falar mais vezes com a Mãe, ligando ou mandando mais mensagens, para reduzir a saudade. Outros abraçaram forte, sem muito falar. O afeto também traz conforto e acalento.

Na atividade realizada, já analisando os dados, surgiram múltiplos "tipos" de saudade: pessoas já falecidas, animais de estimação falecidos, escolas onde já estudaram, infância, parentes ou amigos que se mudaram para um local distante, atividades praticadas quando eram mais novos, times dos quais faziam parte. Após a efetivação dessa tarefa, alguns alunos comentaram que gostaram de realizá-la, pois foi como se estivessem homenageando quem já partiu ou relembrando bons momentos.

Ao longo da pesquisa, foram investigadas diversas abordagens e técnicas profissionais utilizadas por artistas e arteterapeutas no enfrentamento de perdas e conflitos internos. Entre as opções estudadas, havia uma variedade de formas de expressão artística, como colagem, pintura, escultura e música, todas com potencial para facilitar a manifestação das emoções e o processo de autoconhecimento. No entanto, após refletir sobre a aplicabilidade dessas técnicas no contexto escolar e considerando as particularidades do público envolvido – alunos do 9º ano –, optei por utilizar o **desenho** como ferramenta principal no experimento.

Essa escolha se deu por diversas razões. O desenho, por ser uma prática amplamente acessível e já familiar aos alunos, permite uma expressão direta e imediata dos sentimentos e emoções. Além disso, facilita a introspecção e a comunicação de questões internas que, muitas vezes, são difíceis de verbalizar, tornando-se, assim, uma ponte eficaz entre o mundo interno dos alunos e a realidade compartilhada em sala de aula. Com essa técnica, os estudantes puderam explorar suas experiências de perda e saudade de maneira pessoal e simbólica, criando um espaço seguro para a reflexão e o diálogo sobre essas emoções.

A atividade envolveu 140 alunos, dos quais 93 entregaram seus trabalhos, resultando em uma rica diversidade de expressões sobre o conceito de saudade.

4.1 RESULTADOS DO EXPERIMENTO

Entre os trabalhos entregues, as expressões de saudade se distribuíram da seguinte forma:

- **26 alunos** mencionaram saudades de um lugar ou de uma época vivida;
- **28 alunos** se referiram à saudade de pessoas queridas que faleceram;
- **9 alunos** abordaram a saudade como conceito, explorando a dualidade entre o sentimento positivo e o negativo;
- **16 alunos** citaram saudade de pessoas distantes fisicamente;
- **12 alunos** expressaram saudade de animais de estimação falecidos;
- **1 aluna** expressou a saudade de uma flor que havia ganhado e que morrerá;
- **1 aluno** descreveu a saudade de ver seu time de futebol ser treinado por um ex-técnico.

Além da descrição verbal dos sentimentos, diversos elementos pictóricos surgiram nos desenhos dos alunos, demonstrando como as emoções foram visualmente representadas. A seguir listamos os símbolos mais recorrentes.

- **Corações partidos**, representando a dor da separação ou da perda; símbolos frequentemente presentes nas produções dos alunos, simbolizam a dor da separação e da perda. Assim como no trabalho de Guinle (2017), que aborda o luto e a resignificação após a perda, as representações dos corações partidos nos desenhos dos estudantes evocam não apenas o sofrimento causado pela ausência, mas também o processo de reconstrução e superação. Essa metáfora visual sugere a tentativa de "recompor" os fragmentos e cicatrizar as feridas emocionais, revelando uma busca pelo restabelecimento do equilíbrio psíquico após a vivência do luto. Ao analisar o desenho de uma aluna que retratou sua família distante, sem rosto, podemos traçar paralelos com a personagem **Menina da Cara Preta**, criada por Ana Clara Guinle. A obra de Guinle (2017), desenvolvida e aprofundada após a perda de seu pai, simboliza a busca por uma renovação e compreensão da perda; a figura "preta" e "sem rosto" reflete o vazio e a complexidade do luto, algo que transcende a representação física e envolve o processo interno de reorganizar os sentimentos. Assim, o desenho da aluna, ao representar os membros de sua família sem rosto, pode estar simbolicamente relacionado à maneira como ela internaliza a ausência e a saudade daqueles que estão fisicamente distantes. A ausência de feições pode indicar uma tentativa de lidar com o distanciamento, um processo de aceitação que, de certa forma, se alinha ao objetivo de Guinle (2017, p. 135)

em representar a "renovação pós-perda". Aqui, a Arte funciona como uma ferramenta para abordar e talvez atenuar sentimentos de perda, mesmo quando o afastamento não é definitivo, mas marcado pela saudade de quem está longe.

- **Estrelas**, muitas vezes associadas a pessoas falecidas, como uma forma de homenagem ou de mantê-las presentes de alguma maneira – como no livro *Menina Nina*, de Ziraldo (2002), citado nesta pesquisa. Nos trabalhos dos alunos que participaram do Experimento da Saudade, essa estratégia também se manifestou. Alguns utilizaram a metáfora das estrelas, tal como a supracitada obra, para simbolizar a presença dos entes queridos falecidos, conectando suas próprias experiências à narrativa apresentada.
- **Emojis com lágrimas**, simbolizando tristeza e saudade em uma linguagem jovem e digital. A combinação de mídias e o uso da Arte, utilizados por Sandra Ronca como terapia, também se manifestou entre os alunos no Experimento da Saudade. Alguns optaram por misturar diferentes técnicas – desenhos com linguagem digital e textos, por exemplo – para compor suas criações, explorando a flexibilidade da Arte como uma forma de expressar suas saudades de maneira mais completa.
- **Pessoas ou animais com asas de anjo**, representando a crença de que aqueles que faleceram agora estão em um lugar melhor – nos trabalhos dos alunos, a estratégia usada por Prisca Tranjan, se manifestou em escritos que também refletiam sobre a saudade de forma simples e acessível, buscando, além de expressar a dor, comunicar aos outros a profundidade de suas emoções.
- **Lápides**, sugerindo a concretização da morte e o luto pelo falecimento de alguém importante.
- **Flor, bicicleta do avô, sofá da avó, representando não somente a saudade de pessoas queridas, mas também objetos especiais que ficaram na memória.** No Experimento da Saudade, alguns alunos também mobilizaram a estratégia da “memória material”, como a artista Leila Danziger (Danziger, 2016), ao retratar objetos que remetiam a memórias queridas, como uma flor ou objetos pessoais de pessoas falecidas. O ato de desenhar esses itens permitiu que eles externalizassem a dor de uma

maneira concreta, lidando com a ausência da pessoa e, ainda, com as memórias materiais associadas a ela.

Esses elementos pictóricos reforçam o impacto emocional da saudade e mostram como os alunos utilizam o processo artístico para dar forma a sentimentos que, de outra maneira, poderiam ser difíceis de verbalizar. Sobre os símbolos, afirma Jung (1991, p. 92): "Os símbolos são a linguagem natural da arte e da psicologia. Eles representam não apenas a expressão criativa, mas também a manifestação dos sentimentos mais profundos do ser humano". E mesmo os símbolos mais simples escolhidos pelos alunos, como estrelas, corações partidos, asas de anjos, *emojis*, são carregados de significado e de carga emocional.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O Experimento da Saudade está diretamente relacionado ao tema central desta dissertação, que trata das **estratégias artísticas e da afetividade como ferramentas de superação do luto e de outras perdas no contexto escolar**. A atividade proposta permitiu que os alunos acessassem memórias e sentimentos que, muitas vezes, ficam reprimidos no dia a dia escolar, especialmente em um ambiente onde a ênfase tende a ser no desenvolvimento cognitivo e teórico. Ao trabalhar o tema da saudade por meio de uma produção artística, os alunos expressaram suas emoções e, ainda, encontraram uma forma de dar novos significados a esses sentimentos.

A saudade, enquanto conceito, está profundamente ligada à afetividade. Nas respostas dos alunos, é possível perceber que a saudade pode ser tanto uma manifestação de dor – como no caso da aluna que escreveu sobre a morte do avô: *“Eu tenho uma saudade incurável e sinto ela presente em todos os dias da minha vida, sinto ela me sufocar e cortar meu coração mais e mais”* –, quanto de gratidão e amor – como o estudante que relatou: *“Então, eu quero carregar lembranças de minha infância a vida toda, pois acho que nunca podemos esquecer o nosso lado criança”*. Essa dualidade reforça a importância de considerar o aspecto afetivo no ambiente escolar, uma vez que o aluno é um ser integral, cujas emoções e memórias influenciam diretamente sua capacidade de aprendizado.

4.3 AFETIVIDADE E RESPONSABILIDADE NO TRABALHO DOCENTE

Um dos aspectos mais delicados ao propor atividades que envolvem temas emocionais, como a saudade, é o receio de despertar sentimentos ou reações mais profundas em alunos que estejam lidando com situações difíceis. No entanto, é fundamental compreender que essa possibilidade não deve impedir o avanço em propostas pedagógicas que busquem a formação integral do estudante. Nesse sentido, a preocupação com a **afetividade na relação professor-aluno** é central para este trabalho.

A proposta deste experimento faz parte de um olhar atento e sensível que acredita no poder transformador da expressão artística. Como professora de Artes Visuais, e também alguém que possui pós-graduação em Arteterapia, não atuo diretamente como arteterapeuta, mas trago comigo essa sensibilidade desenvolvida, que orienta minhas práticas pedagógicas. Ao contrário de restringir a educação a conteúdos técnicos, acredito que o papel do professor deve ir além. A formação integral do aluno envolve sua capacidade de refletir sobre suas emoções, compreender suas experiências e transformá-las em algo positivo. Por meio da Arte, oferecemos um espaço para que esses jovens expressem suas emoções, suas saudades e, eventualmente, aprendam a lidar melhor com elas.

4.4 EQUIPE MULTIDISCIPLINAR E SUPORTE EMOCIONAL

É importante ressaltar que o desenvolvimento de atividades como o Experimento da Saudade, que potencialmente traz à tona sentimentos delicados, requer um suporte emocional adequado. Em casos nos quais a atividade suscita reações mais intensas, é essencial contar com uma equipe multidisciplinar preparada para dar suporte. Isso inclui psicólogos, pedagogos e outros profissionais da escola, que podem atuar como um ponto de apoio para alunos que necessitem de um acompanhamento mais específico. Dessa forma, as atividades propostas em sala de aula, embora possam despertar emoções profundas, estão integradas a um ambiente de acolhimento e apoio, no qual o aluno não está desamparado. Nesse experimento, não houve a necessidade de acionar a rede de apoio, pois, através de escuta e

diálogo, os alunos demonstraram melhor compreensão de seus sentimentos e só o fato de desenhar, escrever e conversar sobre eles, fez com que se sentissem melhor.

O trabalho com afetividade e o uso da Arte como canal de expressão contribuem para humanizar a relação professor-aluno, aproximando o ensino da realidade emocional dos estudantes. A saudade, muitas vezes percebida como uma dor silenciosa, pode ser ressignificada, ganhando novos contornos e possibilitando o amadurecimento emocional dos jovens. A prática de atividades como essa reforça a importância de uma educação que não se preocupa apenas com o desenvolvimento intelectual, mas também com a **formação emocional e social** de cada estudante.

A saudade, expressa de forma tão diversificada pelos alunos, revela a complexidade do sentimento e a necessidade de oferecermos espaços, no ambiente escolar, para que tais emoções possam ser trabalhadas. A afetividade entre professor e aluno, aliada às práticas artísticas, cria um espaço seguro para que os jovens possam explorar suas dores, nostalgias e, em muitos casos, encontrar um caminho de superação.

Nos trabalhos dos alunos que participaram do Experimento da Saudade, como já mencionado, surgiram algumas estratégias usadas por artistas e autores em suas obras, como a utilização da metáfora das estrelas, tal como no livro de Ziraldo (2002), para simbolizar a presença dos entes queridos falecidos, conectando suas próprias experiências à narrativa apresentada.

O Experimento da Saudade é, portanto, um reflexo da **integração entre Arte e afetividade** na superação de conflitos emocionais, reforçando o papel do professor como um agente transformador, que não apenas transmite conhecimento, mas se preocupa com a formação integral do ser humano. A Arte, nesse contexto, se mostra um veículo para a transformação emocional, e a saudade, uma ponte entre o passado e a construção de novos significados. Cada detalhe no desenvolvimento deste trabalho também reforça a importância da Arte como um meio terapêutico e de autoexpressão.

4.5 ANÁLISE GERAL: RESSIGNIFICAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE

Ao analisar o conjunto dessas criações, tanto dos artistas mencionados quanto dos alunos participantes do Experimento da Saudade, fica evidente que a Arte

proporciona um espaço seguro para que a dor do luto e da perda seja trabalhada e ressignificada. As estratégias de criação, desde a construção de personagens e metáforas até o uso da memória material, mostram que a Arte, além de refletir a experiência individual, oferece novas formas de entender e lidar com o luto.

Nos trabalhos dos alunos, observou-se uma clara tendência para a utilização de símbolos universais, como estrelas, corações partidos e asas de anjo, mas também elementos pessoais e específicos que remetem a suas vivências particulares de saudade. Esse diálogo entre o simbólico e o pessoal é um dos aspectos mais importantes da Arteterapia, pois permite ao indivíduo expressar suas emoções em níveis variados, transformando a dor em algo visível e, portanto, mais facilmente manejável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho foi uma experiência enriquecedora, pois permitiu explorar um tema que, apesar de despertar certo desconforto, é inevitável em algum momento da vida: a perda. Seja a perda de um ente querido, seja a de um animal de estimação, de um lugar ou de uma fase importante da vida, o luto e outras formas de angústia são parte inerente da condição humana. Este estudo buscou compreender de que maneira as aulas de artes, aliadas à afetividade na relação professor-aluno, podem contribuir para a superação de tais momentos desafiadores.

A investigação sobre os fundamentos teóricos que sustentam o uso da Arteterapia e da afetividade no enfrentamento do luto e de outras situações conflitantes encorajou a experiência, além de proporcionar um prazer intelectual e um desejo crescente de aprofundar o conhecimento nesse campo. O contato com trabalhos e experiências de pessoas que superaram momentos de perda e dor por meio da criação artística revelou-se essencial tanto para meu desenvolvimento pessoal quanto para minha formação profissional.

Além de confirmar que a expressão artística pode ser um caminho de expressão de situações dolorosas e das emoções decorrentes dessa experiência, este estudo permitiu uma reflexão pessoal sobre minha própria vivência de luto, resultante da perda de minha Mãe em 26 de dezembro de 2018, vítima de câncer no pulmão. Como dito no memorial, essa foi uma das experiências mais impactantes da minha vida e, nesse contexto, a busca por conhecimentos científicos, o trabalho como professora de Artes Visuais e a utilização de técnicas arteterapêuticas me proporcionaram a força necessária para honrar o legado que ela deixou. Esse processo, inclusive, foi o que me impulsionou a buscar uma formação específica em Arteterapia, com o intuito de aperfeiçoar habilidades e auxiliar outras pessoas na superação de suas próprias adversidades.

Ademais, a afetividade no contexto de ensino-aprendizagem emerge como um fator essencial para a humanização desse processo. A relação afetiva entre professor e aluno atua como facilitadora na superação de conflitos, promovendo o amadurecimento e o crescimento pessoal. Um ambiente escolar pautado pela afetividade contribui para a criação de um espaço mais acolhedor e estimulante, no

qual os alunos se sentem motivados a aprender e a se engajar nas atividades propostas.

Essa relação afetiva impacta diretamente o desenvolvimento da autoestima tanto dos alunos quanto dos professores, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como empatia, respeito mútuo e colaboração – elementos fundamentais tanto para o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos, como para motivação e satisfação do professor, tornando a experiência educacional mais enriquecedora e significativa para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ACAMPORA, Beatriz; ACAMPORA, Bianca. **170 técnicas arteterapêuticas: modalidades expressivas para diversas áreas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2016.
- ALVES, Francielle Christine Caetano. **A importância da afetividade na relação professor-aluno**. 2021. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.
- ALVES PINTO, Zivaldo (ZIVALDO). **Menina Nina - Duas Razões para Não Chorar**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- AMARANTE, Nina. “Meu avô me ensinou a ressignificar a partida”, diz neta de Zivaldo. **Neofeed**. [Online] 2022. Disponível em: <https://neofeed.com.br/blog/home/meu-avo-me-ensinou-a-ressignificar-a-partida-diz-neta-de-zivaldo/>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- BELTRÃO, Catherine. Da relação de alguns pintores com a morte. **Arte na Rede**. [Online] 01 nov. 2014. Disponível em: <http://www.artenarede.com/da-relacao-de-alguns-pintores-com-a-morte/>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- BIANCO, Marcela Alice. Respeitando um momento de luto: 15 dicas para enlutados e para quem está a sua volta. [Online]. In: **Psicologias do Brasil**. (2015). Disponível em: <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/respeitando-um-momento-de-luto-15-dicas-para-enlutados-e-para-quem-esta-a-sua-volta/>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Coronavírus Brasil**. 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- CAPUCHO, Tânia Maria Amaral. **Arteterapia na prática clínica e institucional**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CATERINA, Marlene de Carvalho. O luto: Perdas e Rompimento de Vínculos. **DocPlayer**. [Online] 06 de abril de 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3802781-O-luto-perdas-e-rompimento-de-vinculos.html>. Acesso em: 11 maio 2022.
- CIORNAI, Selma. (org). **Percursos em arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário e outros**. São Paulo: Summus, 2004.
- COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. 4.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2013.
- DANZIGER, Leila. **Ano Novo**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2016.
- DUTRA, Sandra Maria Gomes de Carvalho. **Falar e ouvir com o coração a expressividade silenciosa e afetiva**. 84 f. Monografia (Conclusão de Curso –

Especialista em Arteterapia) - POMAR / SPEI. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.arteterapia.org.br/pdfs/sandradutra.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Coleção Desenho. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1984.

FABIETTI, Deolinda M. C. F. **Arteterapia e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FILGUEIRAS, Mariana. Artista visual carioca cria livro a partir das memórias do pai. **O Globo**. [Online] 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/artista-visual-carioca-cria-livro-partir-das-memorias-do-pai-20721548>. Acesso em: 22 jun. 2023.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

FRANCISQUETTI, Ana Alice (Coord.). Lições de casa. *In*: CIORNAL, Selma. (Org.) **Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico; arteterapia no trabalho comunitário; trabalho plástico e linguagem expressiva; arteterapia e história da arte**. São Paulo: Summus, 2004.

FREIRE, Madalena. **A afetividade e a educação**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

FREIRE, Madalena. **A educação como prática da liberdade**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Madalena. **Pedagogia da Afetividade**. 6. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 36. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ano de publicação original: 1908).

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Ano de publicação original: 1917).

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo, **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GUINLE, Ana Clara. **Corpo, nem tão meu**. 2016. Livro de artista (Trabalho de conclusão de curso – Pintura) Orientador: Lício Bossolan. Co-orientadora: Martha Werneck. - Escola de Belas Artes – UFRJ, Rio de Janeiro. ISSUU. [Online] Publicado em junho de 2017. Disponível em: https://issuu.com/anaclaraguinle/docs/issu._ana_clara_guinle_-_livro_de_a. Acesso em: 04 abr. 2022.

IEDA DE OLIVEIRA. **Síte oficial da escritora Ieda de Oliveira**, 2017. Disponível em: <https://www.iedadeoliveira.com.br/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 24.ed. Rio de Janeiro: Harper & Row, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.

LISAUSKAS, Rita. Mãe escreve livro para explicar a morte ao filho pequeno. **Estadão**, 16 de março de 2022. [Online] E+. Blog Ser mãe é padecer na internet. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/ser-mae/mae-escreve-livro-para-explicar-a-morte-ao-filho-pequeno/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

LOPES, Cristina Pinto. **Práticas criativas de arteterapia como intervenção na depressão - Memórias da pele**. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

MAGALHÃES, Christiane Teixeira. **Memorial: a afetividade na relação professor-aluno**. 2021. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2023.

MORENO, Elisa Almeida; AMOEDO, Humberto Justo; MENEZES, Jeane Denise de Souza.; CUNHA, Samai Alcira. **O uso da Arteterapia na perspectiva junguiana como ferramenta terapêutica de uso profissional do psicólogo**. (s.d.) Disponível em: <https://fsssacramento.br/arquivos/trabalhos/psi/tcc8.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NEVES, Márcia de Lima Carneiro. **Afetividade e expressão artística na escola: como os arte-educadores encaram o papel da arte.** 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Ieda de. **O cheiro da morte e outras histórias.** São Paulo: Ed. Biruta, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

PARAÍZO, Marcos Kopeksa **Superando a dor do luto - Quando vai passar?** (Série "Superando as crises da vida"). Curitiba: A. D. Santos Editora, 2009.

PARKES, Colin Murray. **Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações.** São Paulo: Summus Editorial, 2009.

PARKES, Colin Murray. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo: Summus Editorial, 1998.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** 4.ed. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1976.

RONCA, Sandra. **tenHo Um amiGO.** Rio de Janeiro: Ed. Sandra Ronca, 2016.

SANTANA, Marleide de. **O luto e suas fases: a Arteterapia como ferramenta no processo terapêutico do enlutamento.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, 2017.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente.** 7ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

TRANJAN, Prísla. **Todo Mundo Vira Borboleta.** São Paulo: Much Editora, 2021.

TV SENADO. **Arteterapia pode ajudar na superação do luto.** YouTube, 24 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TVSenadoOficial/search?query=sandra+ronca>. Acesso em: 11 maio 2022.

VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, Joel Sales. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. **Estudos de Psicologia.** (Campinas) 24 (3). Set 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/GVLzSMnCblZPnYQJ5hL3dsp/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300009>

VISO, Cristina Garcia Palhares. **Performance e fluxos geradores de criatividade: um olhar arteterapêutico por meio de proposição de ações no contexto escolar.** Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia,

2016. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.458>. Acesso em: 22 jun. 2022.
<https://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.458>

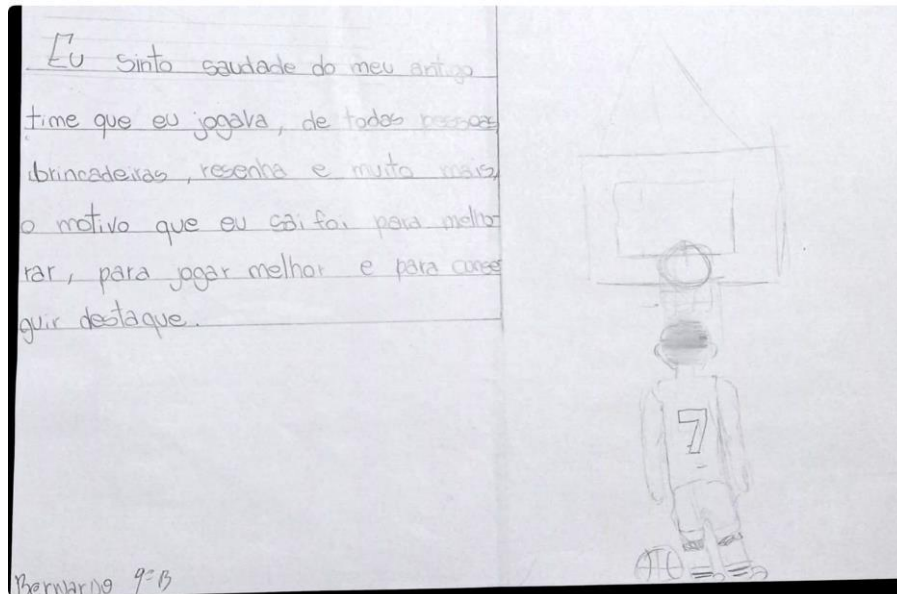
VISO, Cristina Garcia Palhares. **Subjetividade na escola:** uma narrativa incorporada sobre os atravessamentos entre arte, educação e arteterapia. 2022. 132 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.469>. Acesso em: 10 abr. 2023.
<https://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.469>

ZIRALDO. **EBiografia**. 2020. [Online]. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/ziraldo/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

APÊNDICE

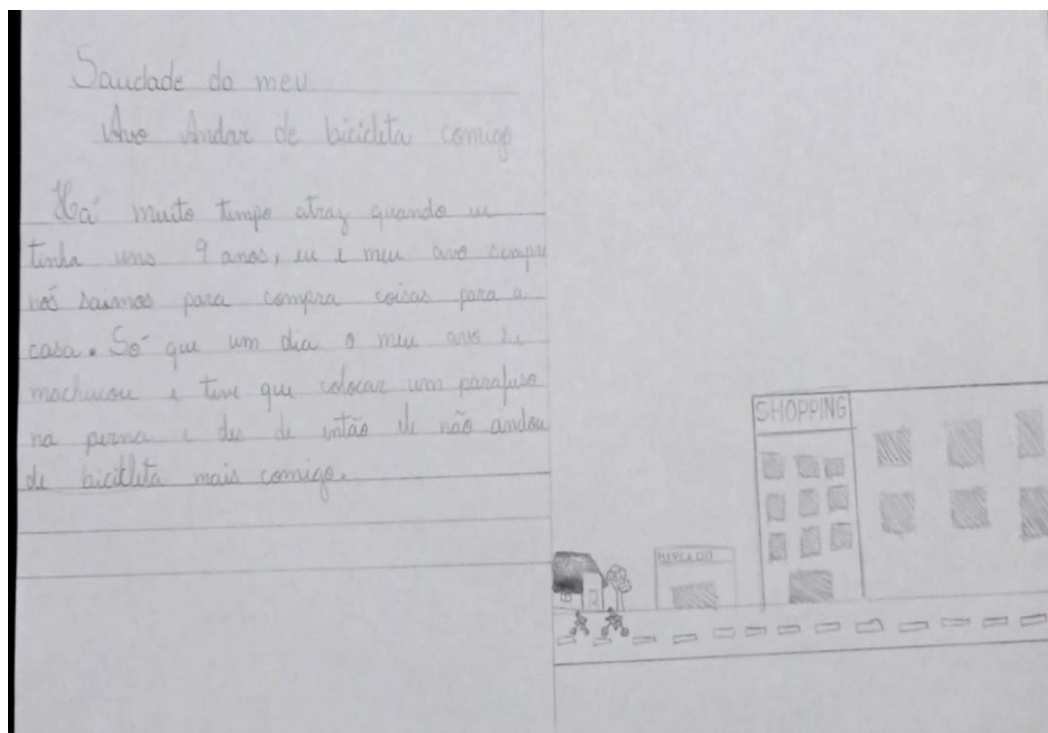
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DOS ALUNOS: SAUDADE

Saudade do time em que jogava



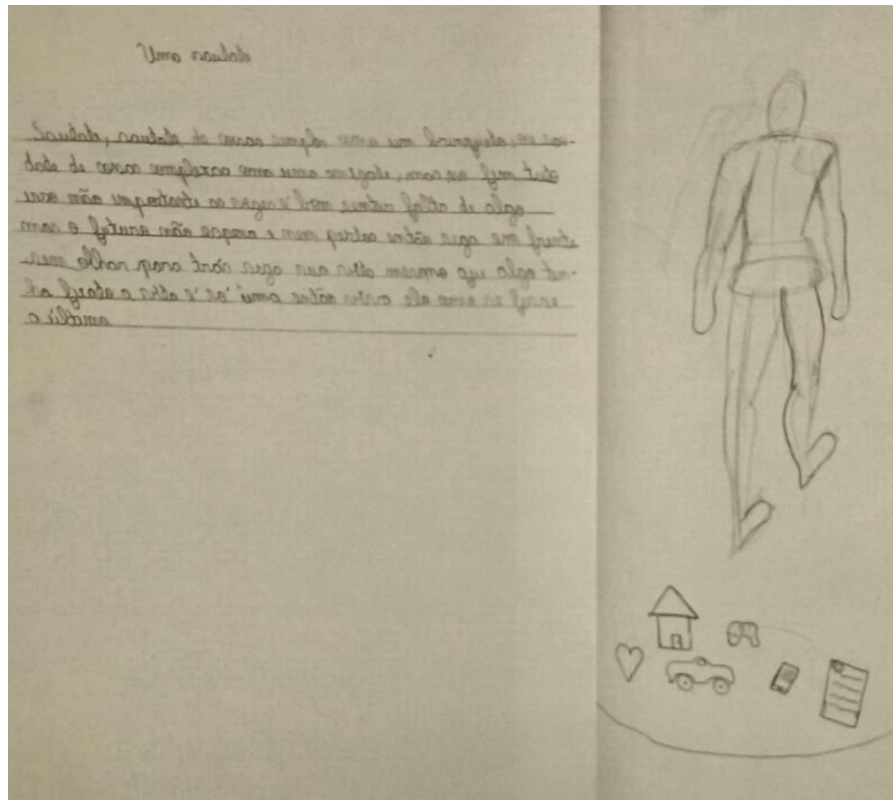
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade de quando o avô podia andar de bicicleta



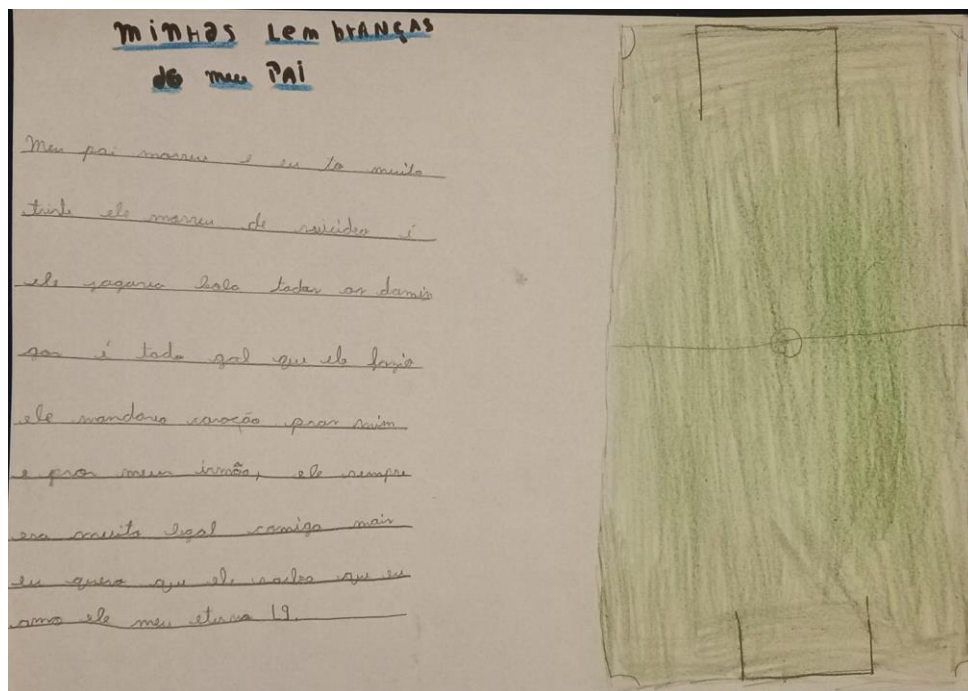
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade de um brinquedo ou uma amizade



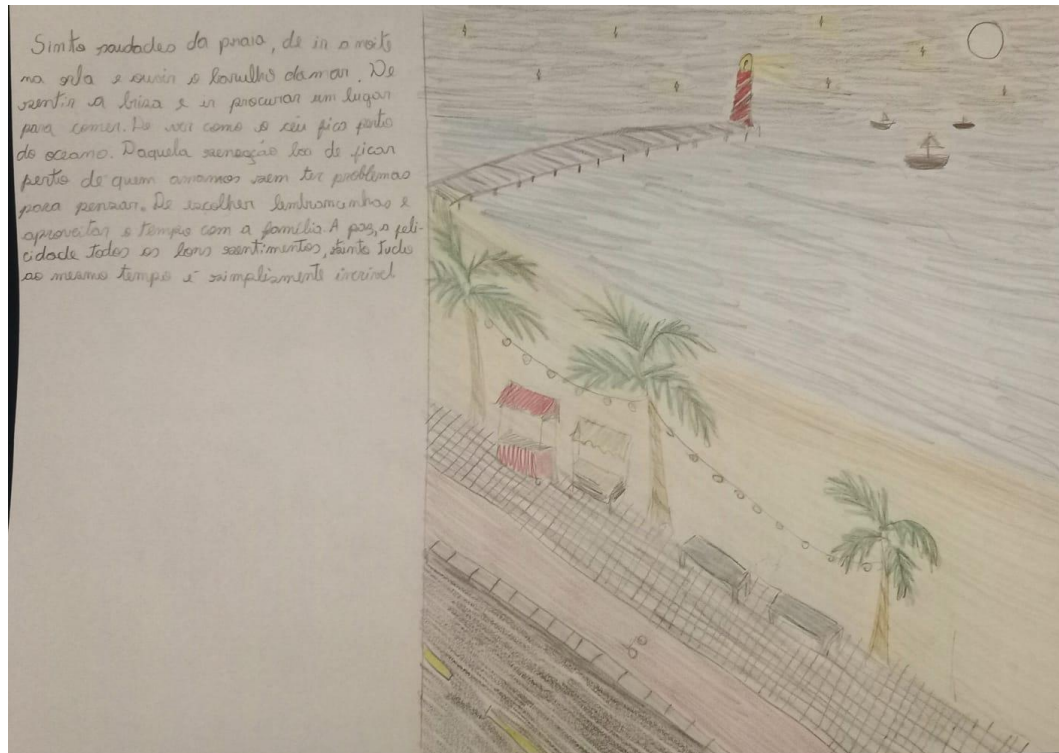
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade do pai falecido



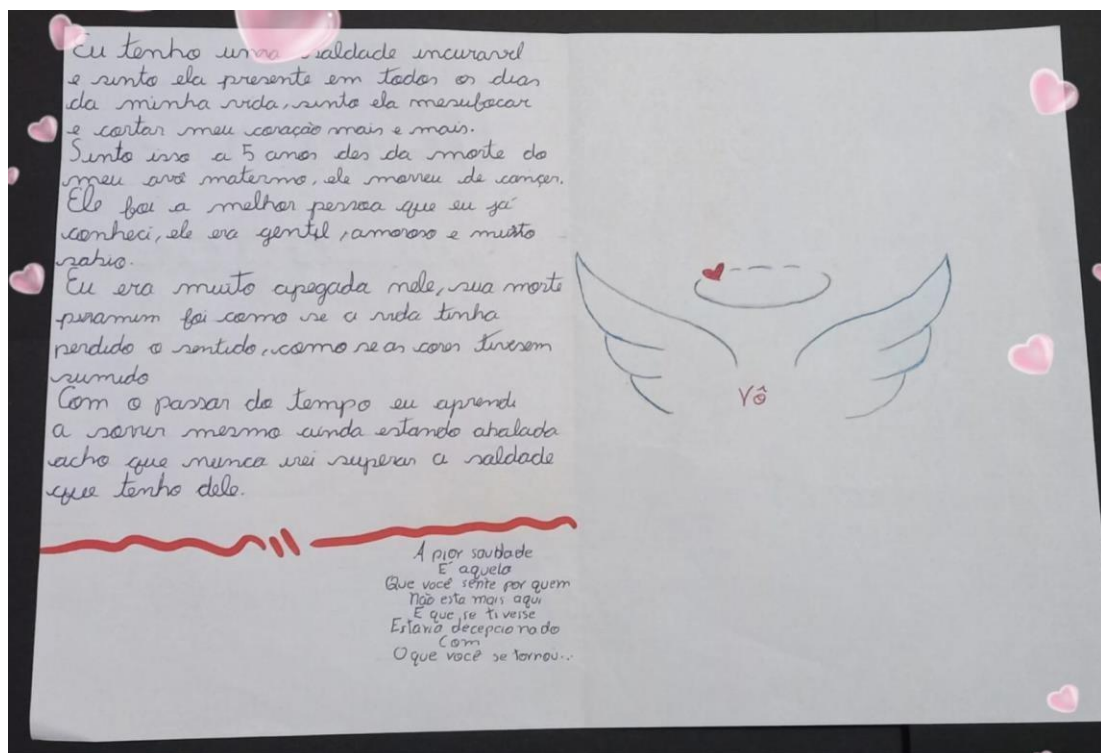
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade de quando morava perto da praia



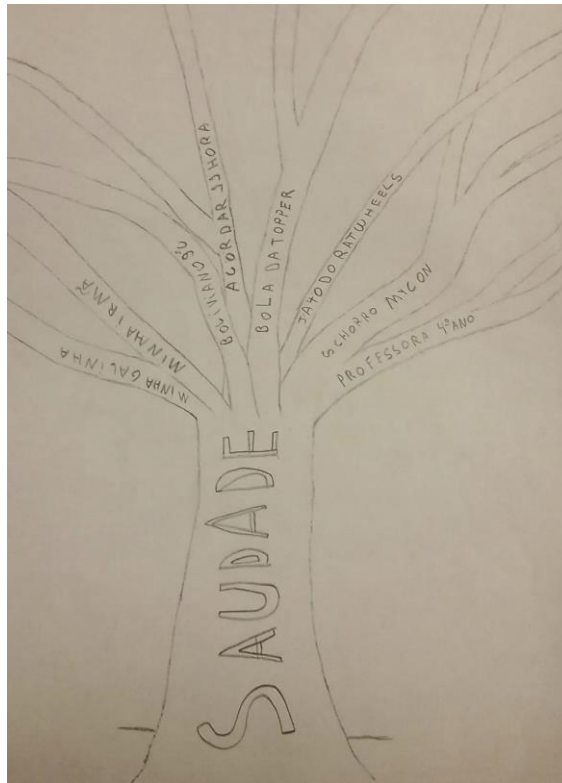
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade do avô falecido



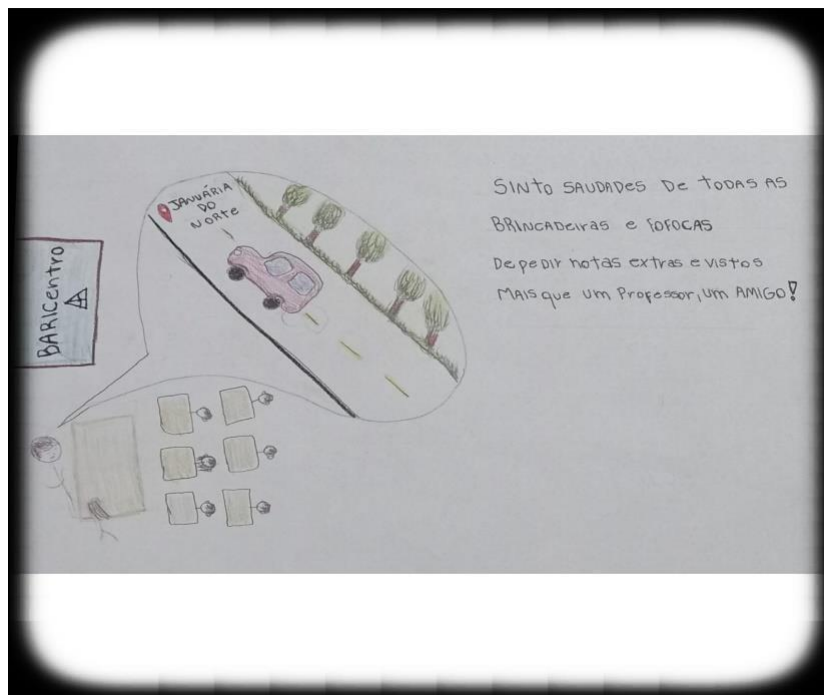
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudades da galinha de estimação falecida, da irmã que mora distante, da bola Topper e outros brinquedos, de colega de sala, da professora do Fundamental I e do cachorrinho falecido



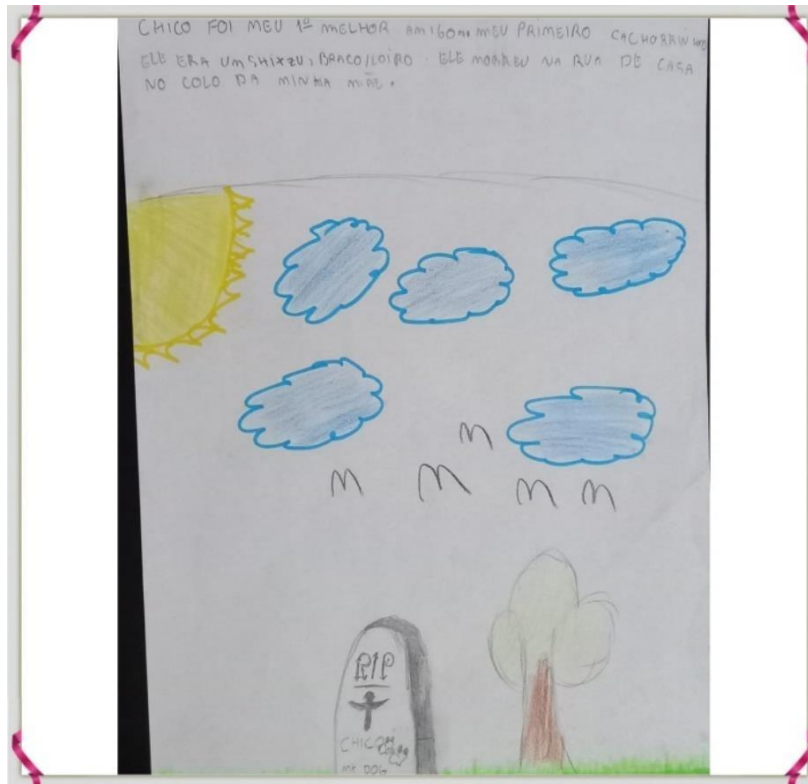
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade de onde morava e de um Professor Amigo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade do cachorrinho falecido



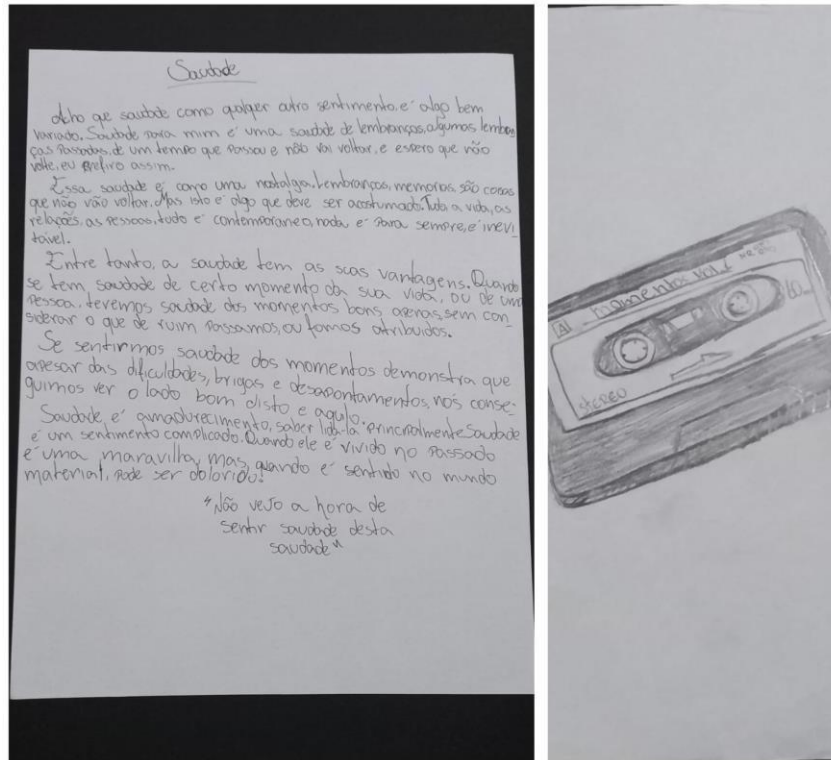
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade da família que mora em outro estado



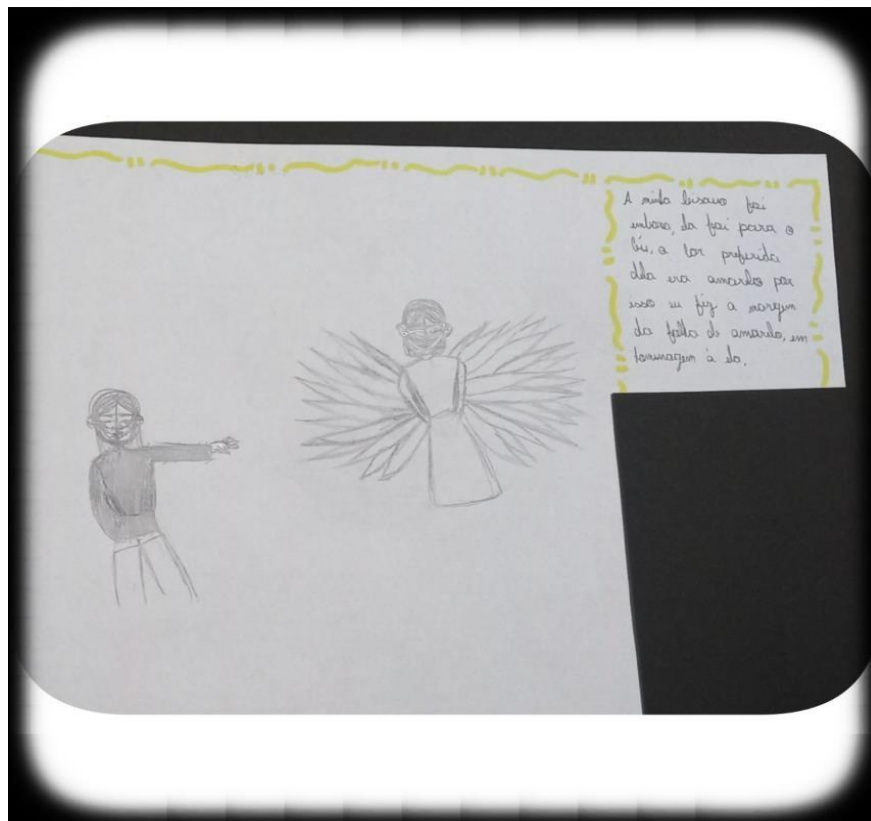
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade das lembranças



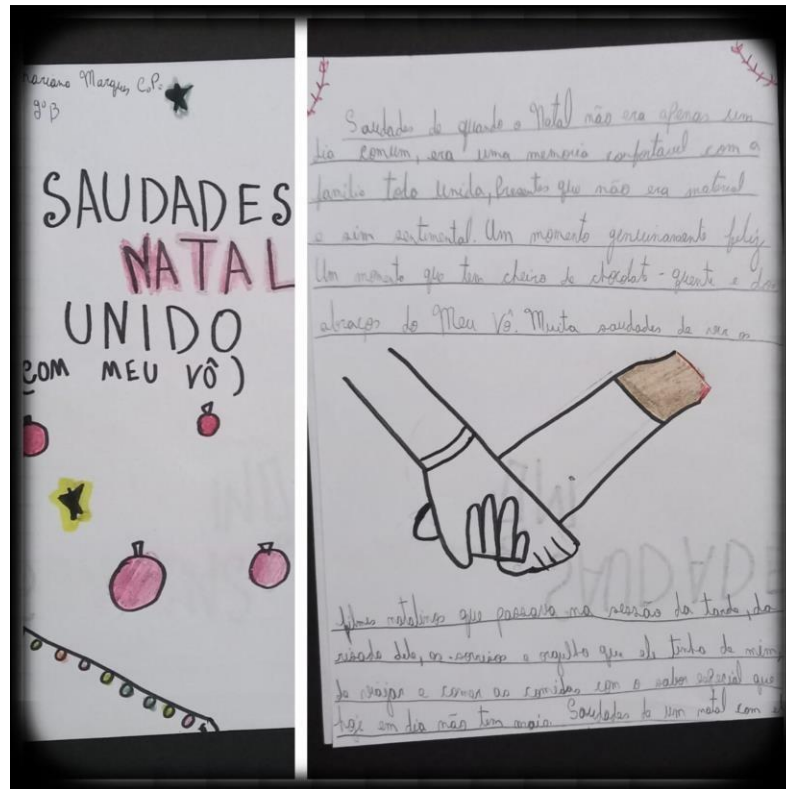
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade da avó falecida



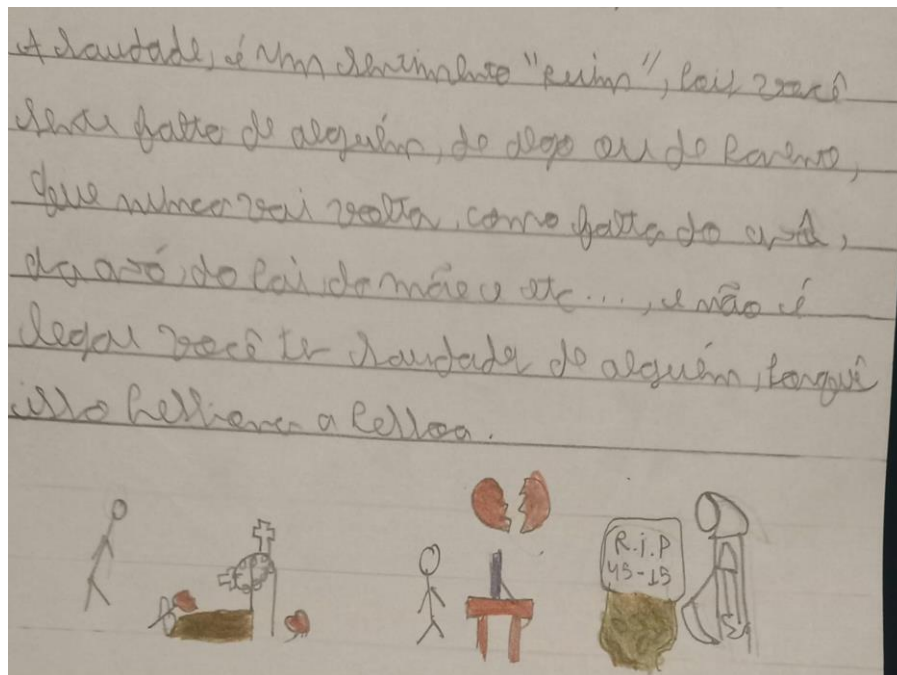
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade do avô e de reuniões especiais de família



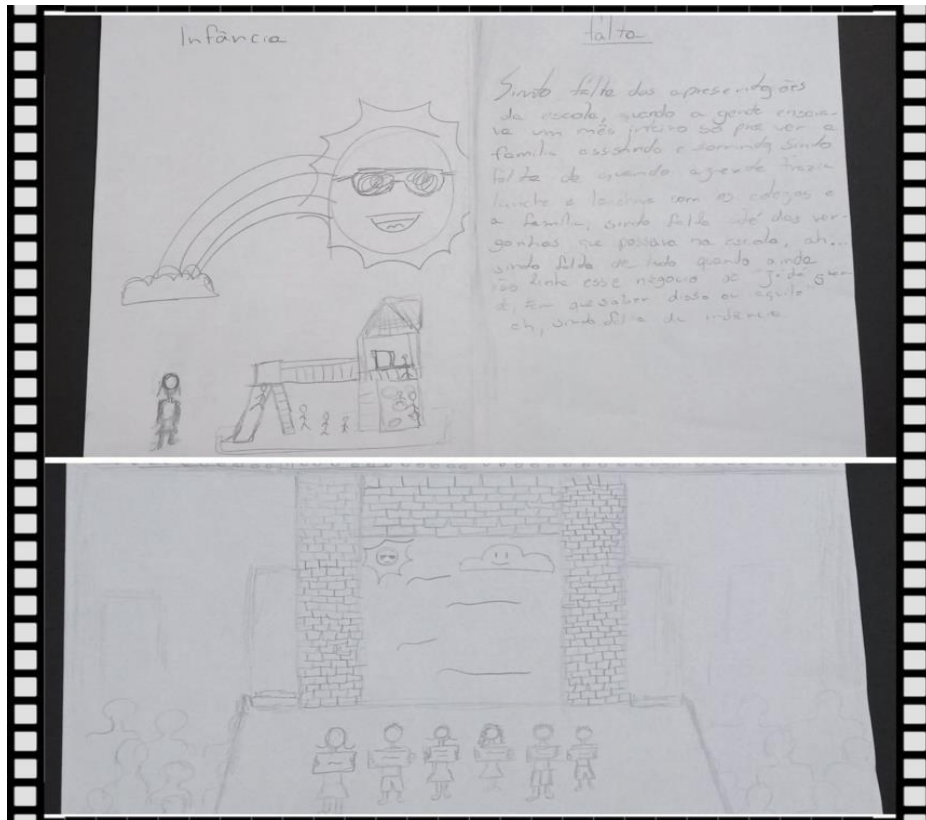
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade de parentes falecidos



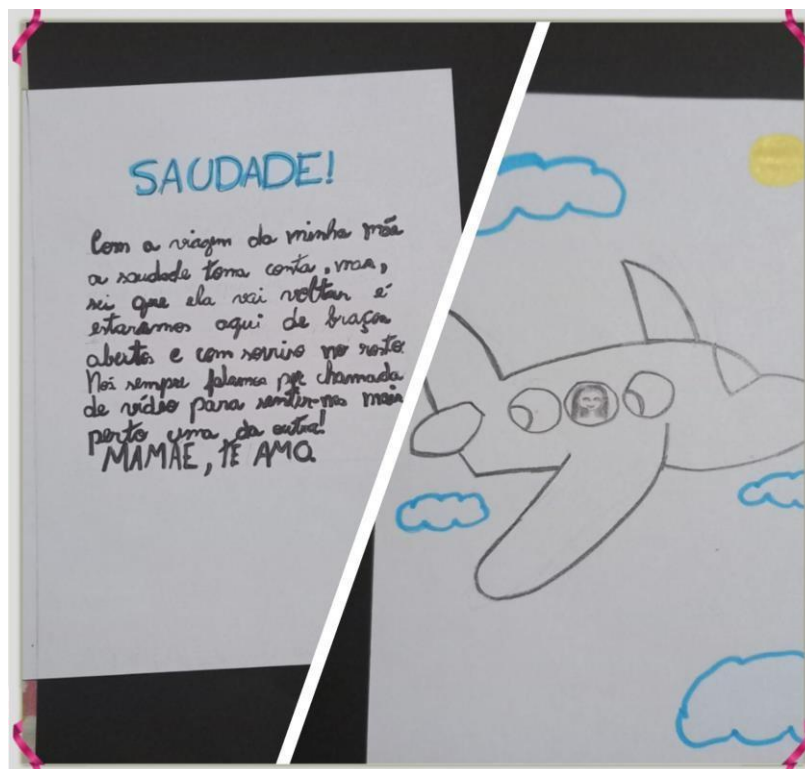
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saúde da infância e de apresentações na escola



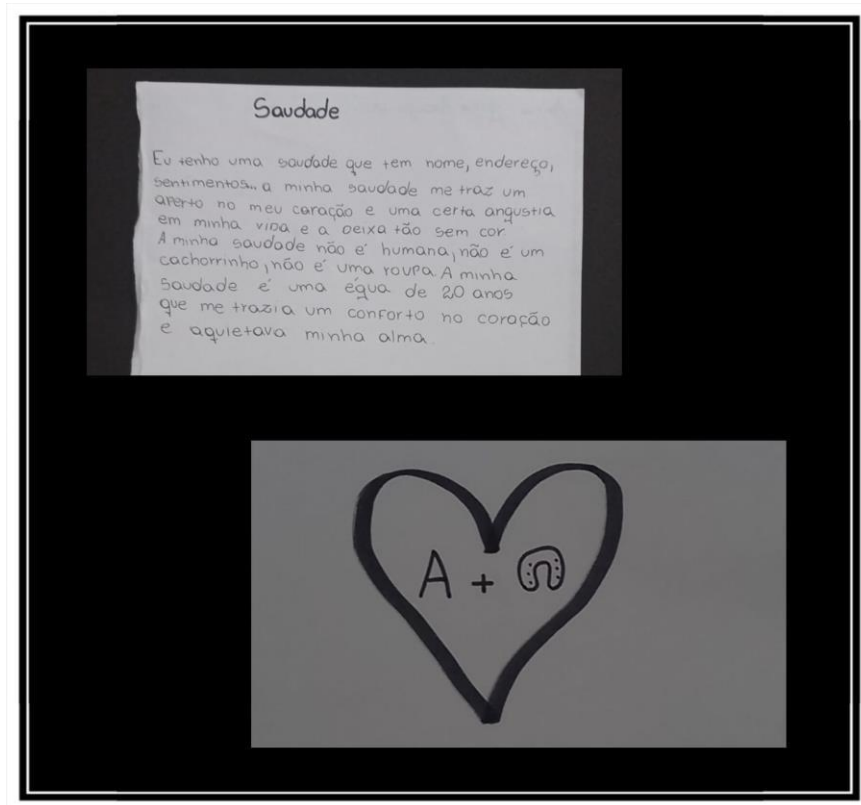
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saúde da mãe que mora distante



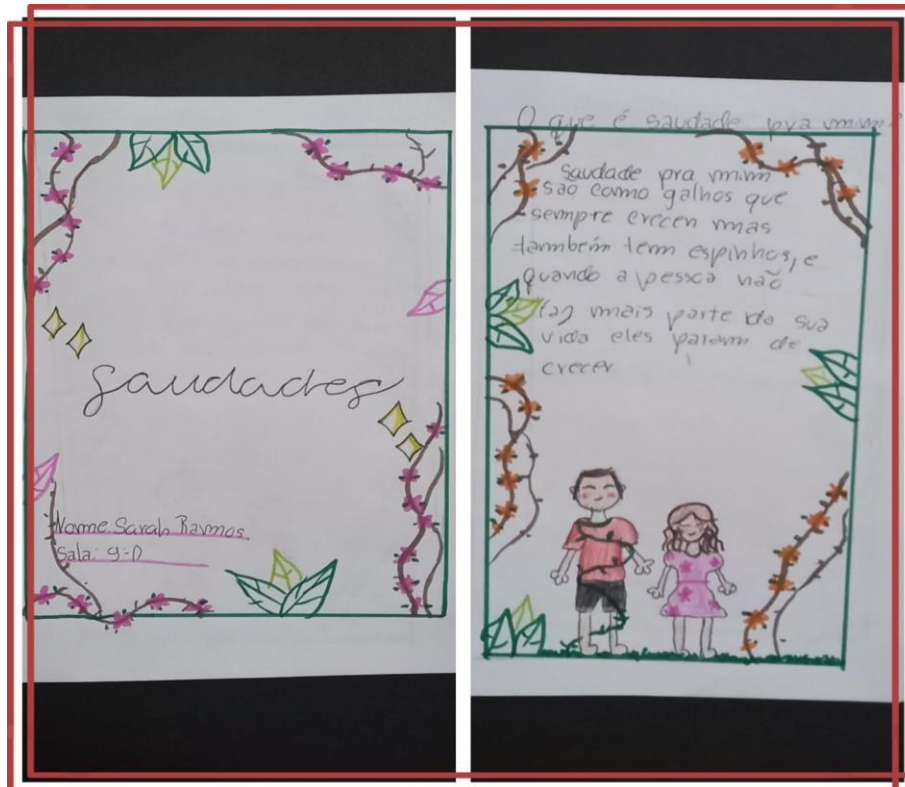
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade da égua de estimação falecida



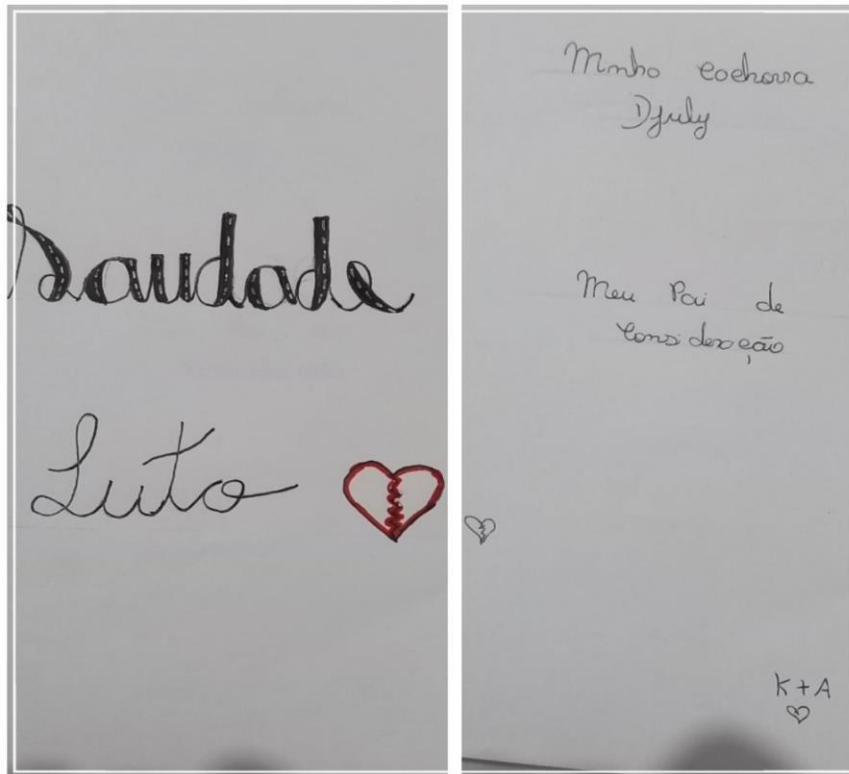
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade comparada a galhos que param de crescer, se a pessoa não está mais com ela



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Saudade da cachorrinha de estimação e do pai de consideração, falecidos



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).